

ILUSTRAÇÃO

N.º 239 — 10.º ano





O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis
organizada por um grupo de professores e homens de letras

À VENDA

a 2.^a edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reúne tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

**dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez,
a quem o consulte, o esclarecimento desejado**

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a cores e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 33\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM UNICO VOLUME, manuseável, de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa

À VENDA

a 3.^a edição, corrigida, de
O Romance de Amadis

reconstituído por **Afonso Lopes Vieira**

1 volume de 230 páginas, ilustrado, brochado..... **15\$00**
Pelo correio, à cobrança..... **16\$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

COLECCÃO P. B.
FAMILIAR

Esta coleção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluídas somente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entreccho romântico sugestivo interesse, ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, atavia-do-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido dedicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e escrinio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

- Caminhos da vida
- Em volta dum testamento
- Pequena rainha
- Dívida de honra
- Casa de família
- Entre espinhos e flores
- A estátua velada
- O grito da consciência
- Romance duma herdeira
- Pedras vivas
- A pupila do coronel
- O segredo de um berço
- A vila das pombas
- O calvário de uma mulher
- O anjo do lar
- A força do Destino

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. cartonado . . . Esc. **8\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

75, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 5.^a edição actualizada
DE
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

DA Biblioteca de Instrução Profissional
pelo engenheiro **J.ão Emílio dos Santos Segurado**

Considerações gerais. Pedras de construção, aviamentos, cal, areias, pozolanas, gessos e produtos cerâmicos, madeiras para construções, ferro, metais e substâncias diversas, etc.

1 vol. de 558 págs., com 45 tabelas e 300 gravuras, encadernado em percalina **30\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

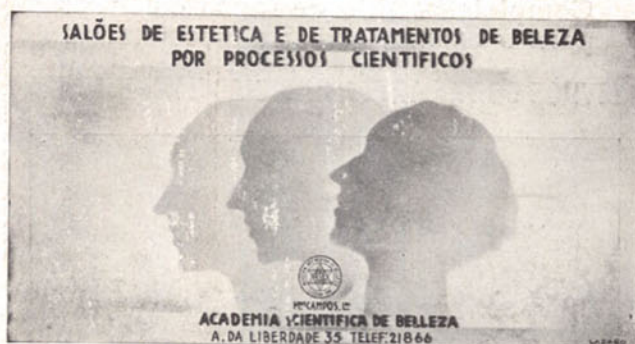
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	183\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



A dor envelhece

O dinamismo duma juventude sã, forte e inteligente, é uma das características mais simpáticas da nossa época. Os inimigos desta juventude são a doença e a dôr. Nem o homem mais forte lhes resiste sem que no seu semblante se vinquem profundas rugas que desfeiam e envelhecem. Mas há um remédio — um remédio maravilhoso: **CAFIASPIRINA!** Um ou dois comprimidos tiram, como por encanto, as dores nevralgicas, de dentes ou de cabeça.



Cafiaspirina

O PRODUTO DE CONFIANÇA

Minerva Central

LIVRARIA, PAPELARIA e OFICINAS GRÁFICAS

A mais antiga e importante da Colónia de Moçambique

Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as principais casas editoras de ESPANHA, FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA, ALEMANHA e AMÉRICAS

Casa editora do **CODIGO TELEGRÁFICO "GUEDES"** e de outras publicações

Completo sortido de todos os livros para o ensino primário e secundário

LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS



Fachada dos Estabelecimentos da Minerva Central em Lourenço Marques na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório dos melhores fabricantes europeus e americanos

TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO E FABRICO

DE CARIMBOS DE BORRACHA

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212

End. Teleg. MINERVA

LOURENÇO MARQUES

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —

Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

Uma interessante edição cinéfila

AS PUPILAS DO SENHOR REITOR

DE JÚLIO DINIZ

Edição ilustrada com 32 heliogravuras representando cenas com os personagens que figuram no filme extraído da notavel obra do grande escritor e com uma carta prefácio de *Leitão de Barros*.

1 vol. de 332 págs., no formato de 26 x 18,5 esplendidamente impresso em bom papel, com uma lindíssima capa, brochado **15\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE AGOSTINHO DE CAMPOS

Alguns aspectos da literatura portuguesa, por Aubrey F. G. Bell (tradução), br. 3\$00

Comentário leve da Grande Guerra:

- I — *Europa em guerra* (esgotado).
- II — *O Homem, lobo do Homem* — 304 págs., br. 10\$00
- III — *Portugal em Campanha* — 299 págs., br. 10\$00
- IV — *Latinos e Germanos* — 319 págs., br. 10\$00
- V — *A Carranca da Paz* — 316 págs., br. 10\$00

Ensaio sobre educação:

- I — *Educação e Ensino* — 317 págs., br. 10\$00
- II — *Casa de Pais, Escola de Filhos* — 248 págs., br. 10\$00
- III — *Educar, na Família, na Escola e na Vida* — 352 págs., br. 10\$00
- IV — *A mãe de todos os vícios* — 293 págs., br. 10\$00

Homem (O), a ladeira e o calhau — br. 10\$00

Jardim da Europa. — br. 10\$00

Ler e tresler. — br. 10\$00

Lição moral e cívica, dada perante os alunos do Liceu Pedro Nunes, no primeiro aniversário do assassinio do Presidente Sidónio Pais 3\$00

O pintor Carlos Reis. — 1 fol. formato grande 4\$00

Três prosas (As) — A pobre, a rica e a nova rica. — 64 págs., br. 3\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de ALEXANDRE HERCULANO

O Bôbo (Romance histórico). — 1 vol. com 345 páginas, brochado 10\$00

Eurico, o presbítero, (Romance). — 388 páginas, brochado 10\$00

O monge de Cister, (Romance). 2 vols. com 716 páginas, brochado 20\$00

Lendas e Narrativas — 2 vols. com 667 páginas, brochado 20\$00

História de Portugal (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos). — 8 vols., brochado 96\$00

Estudos sobre o casamento civil — 284 páginas, brochado 10\$00

História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal — 3 vols., 1.139 páginas, brochado 30\$00

Composições várias — 374 páginas, brochado 10\$00

Poesias — 224 páginas, brochado 10\$00

Cartas (Inéditas) — 2 vols. com 586 páginas, brochado 20\$00

Opúsculos:

- Vol. I *Questões públicas* — tomo I, 311 páginas
 - > II *Questões públicas* — tomo II, 341 páginas
 - > III *Controvérsias e estudos históricos* — tomo I, 339 páginas
 - > IV *Questões públicas* — tomo III, 300 páginas
 - > V *Controvérsias e estudos históricos* — tomo II, 323 páginas
 - > VI *Controvérsias e estudos históricos* — tomo III, 309 páginas
 - > VII *Questões públicas* — tomo IV, 294 páginas
 - > VIII *Questões públicas* — tomo V, 324 páginas
 - > IX *Literatura* — tomo I, 295 páginas
 - > X *Questões públicas* — tomo VI, 310 páginas
- Cada volume, brochado 10\$00

Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem, coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. de 324 páginas, brochado 12\$00

Com encadernação em percalina, mais 5\$00 por volume

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de AQUILINO RIBEIRO

ANATOLE FRANCE (Estudo) — 79 págs., brochado.....	5\$00
ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES — 356 págs. brochado..	12\$00
ESTRADA DE SANTIAGO (Contos: A maldição cubra os pardais, O Malhadinhas, Valeroso milagre, A Grande Dona, Bufonaria heroica.) — 408 págs., brochado.....	12\$00
FILHAS DE BABILÓNIA (Duas novelas: Olhos deslumbrados e Maga.) — 320 págs., brochado.....	12\$00
O HOMEM QUE MATOU O DIABO (Romance) — 353 págs., broch.	12\$00
JARDIM DAS TORMENTAS (Prefácio de Malheiro Dias. Contos: A Catedral de Cordova, A inversão senti- mental, Sam Gonçalo, A tentação do sátiro, Triunfal, No solar de Montalvo, A hora de Vésperas, A pele do bombo, Tu não furtarás, O remorso, A revolução.) — 328 págs. brochado	12\$00
TERRAS DO DEMO (Romance) — 332 págs., brochado.....	12\$00
VIA SINUOSA (Romance) — 360 págs., brochado	12\$00
A BATALHA SEM FIM (Romance) — 308 págs., brochado..	12\$00
AS TRES MULHERES DE SANSÃO (Novelas) — 268 págs., brochado	10\$00
MARIA BENIGNA (Romance) — 286 págs., brochado.....	12\$00
É A GUERRA — Diário da grande conflagração europeia, — 304 págs., brochado	12\$00
ROMANCE DA RAPOSA, 2. ^a edição muito remodelada, com ilustrações de Benjamin Rabier, 1 vol. de 176 págs., ilustrado com 44 gravuras no texto, 16 estampas a côres em hors-texte e capa a côres.....	15\$00
ALEMANHA ENSANGUENTADA, 1 vol. de 312 págs., broc.	12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A 5.^a edição, de novo revista

10.^o MILHAR

SENHORA DO AMPARO

POR

ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa
e da Academia Brasileira de Letras

DOIS PERFIS:

- Um curandeiro de obsessos.
- Um cura de almas.

I volume de 250 págs. broch. **12\$00**
encad. **17\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM ROMANCE FORMIDÁVEL!

SEXO FORTE

por **SAMUEL MAIA**

3.^a ed. Este romance de Samuel Maia, dum vigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirôa dada por largos valores, estuda a figura de um homem, espécie de génio sexual (na expressão feliz do neuriatra Tanzi), de cujo corpo parece exalar-se um fluido que atrai, perturba e endoidece todas as mulheres. Com o **SEXO FORTE** Samuel Maia consquistou um elevado lugar entre os escritores contemporâneos — *Júlio Dantas*.

I volume de 288 páginas, broch. **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

Obras de Afonso Lopes Vieira

Animais nossos amigos. — Com ilustrações de Raul Lino. Edição de luxo, 1 vol. cart. 50\$00. Edição popular, 1 fol. br.	5\$00
Bartholomeu marinho. — Com ilustrações de Raul Lino, 1 vol. cart. 16\$00; br.	10\$00
Canto (O) coral e o orfeon de Condeixa. — Conferência	2\$00
Diana (A), de Jorge de Montemor. Em português. 1 vol. luxuosamente enc. 60\$00; em percalina 15\$00; br.	10\$00
Gil Vicente. — Conferência	4\$00
Paiz lilás, desterro azul. — 1 vol. enc. 12\$00; br.	7\$00
Poema do Cid. — Tradução. 1 vol. enc. 15\$00; br.	10\$00
Ed. especial enc. de luxo, exemplares numerados, 100\$00.	
Relatório e contas da minha viagem a Angola. — 1 fol. br.	5\$00
Romance (O) de Amadis. — Composto sobre Amadis de Gaula, de Lobeira (3.ª ed.) 1 vol. br.	15\$00
Santo Antonio. — 1 vol. enc. de luxo, 100\$00; em percalina, 15\$00; em br.	10\$00
Versos (Os), de Afonso Lopes Vieira, enc. em percalina, 20\$00; br.	15\$00

Pedidos à **Livraria Bertrand**
75, Rua Garrett, 75 — LISBOA

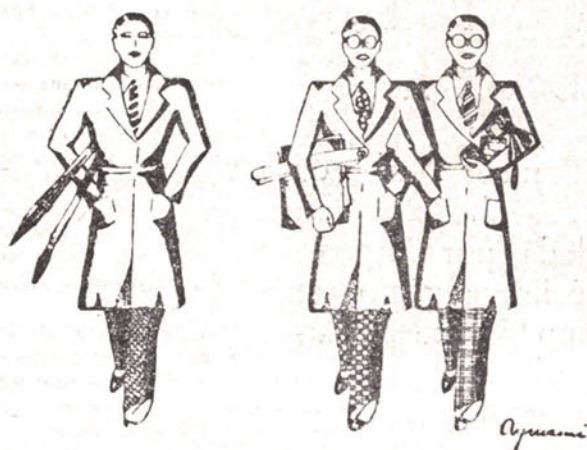
Obras de ANTERO DE FIGUEIREDO

CÓMICOS (Novela) — 276 págs., brochado	10\$00
DOIDA DE AMOR (Novela) — 276 págs., brochado	16\$00
D. PEDRO E D. INES (Romance) — 322 págs., brochado...	12\$00
D. SEBASTIÃO — 464 págs., brochado	14\$00
ESPAÑHA — Nova edição	no prelo
JORNADAS EM PORTUGAL — 404 págs., brochado	12\$00
LEONOR TELES (Romance) — 395 págs., brochado	12\$00
O PADRE SENA FREITAS (Conferência) — 64 págs., broch.	3\$00
RECORDAÇÕES E VIAGENS — 328 págs., brochado	12\$00
SENHORA DO AMPARO — 250 págs., brochado	12\$00
TOLEDO (Impressões e evocações) — <i>Índice:</i> Viagens — A caminho — Chegada — "Plazas y plazuelas; calles e callejones" A Alcáçova da Saíidade — As "Sabatinas," na catedral — Missa hispano-gótica — Lealdade lusitana — "El greco" — En "San Juan de los Reys," — Conventos — A Ponte de S. Martinho — O palácio de Fuensalida — Treva! — Certo púlpito! — Último dia, última noite — Volta — 226 págs., brochado	10\$00
O ÚLTIMO OLHAR DE JESUS — 375 págs., brochado	12\$00
A ARTE NA EDUCAÇÃO DA MULHER — (Conferência) Esgotado.	
MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO — (Discurso) Esgotado.	
MIRADOURO, Tipos e Cases — 320 págs., brochado	12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
2 1308

BERTRAND IRMÃOS, L^{DA}

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA

O pó de arroz das 7 horas!



7 HORAS DA TARDE — pô: o pó de arroz antes de ir jantar e dançar

2 HORAS DA MANHÃ — não precisou de se empoar. Nenhum brilho no nariz, embora tenha dançado toda a noite numa sala aquecidíssima

Não há necessidade de se empoar e tornar a empoar para evitar que o nariz brilhe e que a pele tenha uma aparência gordurosa. Uma recente descoberta permite-lhe não pôr pó de arroz senão uma vez e estar absolutamente segura, durante sete horas, da frescura e do fino «mate» e aveludado do seu semblante. Este maravilhoso ingrediente, chama-se «Mousse de Crème» é presentemente, misturado ao Pó Tokalon, segundo um processo patentado. É isto que faz com que o Pó Tokalon adira cinco vezes mais tempo do que os pós ordinários. Nem o menor vestígio do feio brilho, no tempo mais quente, de-

pois das mais movimentadas partidas de «tennis», ou durante uma comprida noite de dança. O Pó Tokalon dá um aspecto fresco e reparador — uma beleza fascinante à qual os homens não podem resistir. Compre uma caixa, hoje mesmo, e veja como o Pó Tokalon difere de todos os outros pós, porque é o único que encerra o segredo da «Mousse de Crème».

À venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, escreva à **Agência Tokalon** — 88, Rua da Assunção, LISBOA — que atende na volta do correio.

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

PASSANDO agora mais um ano sobre o nascimento de Beethoven, não podíamos deixar de evocar essa figura imortal que foi grande até na desventura.

Vem ainda a propósito salientar que se o pai de Beethoven se gisasse o método de educar o filho consoante a vocação que este manifestasse, teria privado o Mundo do maior talento musical de todos os tempos.

E' que Beethoven não gostava de música, chegando até a fugir de casa quando se aproximava a hora da sua lição de solfejo. O pai, velho ca-beçudo, que levava tóda a sua vida como cantor de igreja, entendia que na música é que o rapaz poderia conquistar a sua independência e tornar-se digno do seu progenitor.

Como o pequeno Beethoven reagisse, o velho, que não era para graças, castigava-o tão duramente que chegou a atrair a atenção da vizinhança.

— O rapaz ha de ser músico, quer ele queira, quer não! — ber-rava o pai aos que lhe aconselha-vam a não contrariar a vocação do rapaz — ha de ser músico... quem manda sou eu!

E foi.

Um ano depois, à fôrça de bordoada, Beethoven tornava-se notá-vel como pianista e até como improvisador!

Vá a gente fiar-se na vocação das crianças!

Aos dezassete anos, deixou a sua querida terra de Bonn, e foi até Viena, onde mereceu a honra de ser recebido por Mozart que se encontrava no apogeu da glória. O mestre, tendo assistido a um improviso do jovem maestro, teve esta famosa frase profética:

— Eis aqui um mancebo que dará muito que falar de si em todo o Mundo!

Tempo depois, Beethoven frequentava a Córte, onde lhe eram prestadas as maiores honras. Mas os rigores dessa etiqueta palaciana aborreciam-no. Não se sentia fadado para aquela vida de cortejo. Nascera para ser livre, e livre desejava ser. Não podendo recalcar por mais tempo as suas ideias profundamente republicanas, afastou-se, um dia, desse ambiente aristocrático que se lhe figurava um covil doirado onde a lisonja, a mentira, a inveja e a maledicência se apunhalavam com subserviências e mesuras.

Entusiasmado com as vitórias do jovem Bonaparte, escreveu a *Sinfonia heroica* que ficaria sendo a mais gloriosa epopeia do ambicioso guerreiro còrso. Estava em meio da sua obra,

quando se deu a proclamação do Império na França. Bonaparte atraioava os seus princípios republicanos para se arvorar em Napoleão I. Então esse *chat botté*, como a própria esposa Josefina o designara, pretendia transformar-se em

rodeavam o leito, disse-lhes com um sorriso de ironia amarga:

— *Plaudite, amici. commoedia finita est!*

Drama e não comédia deveria êle dizer, pois tóda a sua vida o havia sido em todos os seus actos, em tódas as suas cenas.

Os míseros utilitários atribuíram as desventuras do grande músico ao seu feitio inadaptável, insociável e bisonho. Quem como êle tivera a ventura de ser recebido na Córte imperial com as honras dum príncipe, não se podia queixar da sua pouca sorte. Citavam ainda o famoso encontro que Beethoven e Goethe tiveram com a família imperial. Enquanto o autor do *Werther* se curvava numa vénia palaciana, Beethoven, enterrando mais o chapéu na cabeça, seguia o seu caminho, indiferente a tudo o que o rodeava.

Assim, não seria de estranhar que a vida não lhe corresse às mil maravilhas. Para que exteriorisava êle os seus mais íntimos sentimentos? Porque não mentia como os outros? Porque não se adaptava à corrupção do meio?

O único culpado das suas infelidades — diziam os tais utilitários — foi êle próprio. Pelo visto, tendo-se esgotado o manancial que dava génios fulgurantes como Beethoven, a raça miserável dos utilitários é hoje cada vez maior.

Esbarramos, a cada passo, com idiotas chapados que pretendem ser altos espíritos abertos ao influxo das criações mais assombrosas. Fervilham, furam, apregõam dotes formidáveis de artistas geniais, e lá vão levando a vida o melhor que podem e sabem. Uma tal matilha, por mais que afine os seus uivos, não consegue mais harmonia.

Nos tempos que vão correndo, em que o talento artístico anda dessorado com a barulheira infernal do *jazz-band*, o que sucederia ao genial Beethoven se voltasse ao mundo?

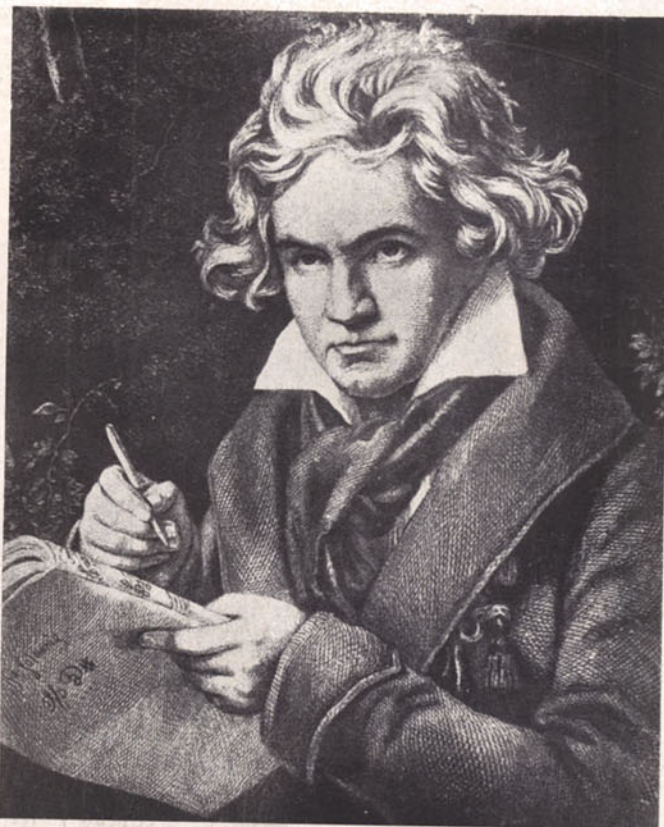
Que impressão seria a sua ao aperceber-se de tódas essas charangas laureadas que se divertem a interpretar as melodias eternas com o estridor dos batusques africanos, selváticos, insuportáveis?

Morreria novamente? Não. Pela primeira vez, o imortal Beethoven, que tóda a sua vida se desesperou contra a horrorosa doença que o torturava, levantaria as mãos ao céu, numa sentida prece de acção de graças, e murmuraria satisfeito:

— Obrigado, meu Deus, pela surdez que me deste!

tigre na terra estrangeira e caridosa que lhe matara a fome!?

Beethoven, desiludido, passando da admiração ao ódio, escreveu a imortal *Marcha fúnebre* dessa mesma Sinfonia em que exaltava o herói porten-



toso das campanhas de Italia, como para celebrar com tóda a solenidade o luto pelas suas ilusões perdidas.

Tudo na vida foi adverso a êste altíssimo espírito...

Infeliz nos seus amores e desgraçado com os próprios parentes que o exploravam e comprometiam, foi acometido, um dia, pela mais terrível enfermidade que poderia ser escolhida para torturar êsse músico genial: — a surdez!

Que mais estaria ainda reservado para o afligir?

Por isso, quando se sentiu agonizar, o desgraçado Beethoven, dirigindo-se aos amigos que lhe



Saída de baile em arminho

QUANDO o primeiro homem abateu o primeiro urso e o esfouou na ânsia de lhe devorar a carne palpitante, não tardou a compreender que a pele atirada desprezivelmente para o chão, e curtida pela acção do sol, lhe poderia servir de óptimo agasalho. E, por outro instinto de fácil compreensão, ofereceu-o generosamente à sua companheira...

Assim surgiu no mundo a primeira elegante.

Pegando a moda, os caçadores dos tempos primitivos corriam logo junto dos chefes da tribo a oferecer as peles das rezas abatidas à cubiça do belo sexo que ali imperava.

Hoje, mais do que nunca, o comércio das peles expande-se em todos os países.

O mais curioso é observar que, enquanto a civilização atira os animais de pele fina e apreciada para as mais inóspitas paragens da terra, tornando por consequência mais difícil a sua caça, os caçadores, parecendo esquecer os seus interesses particulares, contribuem, tanto quanto possível, para a expansão dessa mesma civilização.

No século XI, os russos que penetraram na Sibéria à caça da zibelina foram

os conquistadores de todo o Norte da Ásia. A colonização e até a actual cultura do Canadá deve-se principalmente aos caçadores de castores que se aventuravam àquelas paragens. Em face disto, tornou-se muito mais difícil a tarefa dos elevados preços que as peles atingem.

Se as damas, que à saída do teatro se agasalham em luxuosas capas de peles, fizessem uma ideia das fadigas e sacrifícios que foram precisos para as obter, não lhes pareceriam tão exagerado o preço a que tiveram de sujeitar-se.

Quasi todos os países do globo contribuem para a indústria peleira, sendo, no entanto, as regiões árticas as que mais



Uma elegante de pelo rosa

produzem por que são mais frias e de mais agasalho as peles dos animais que criam. Na América boreal, todo o comércio de peles é feito por quatro poderosas companhias que compram o artigo aos caçadores, e os enviam, em seguida, aos grandes mercados de Londres. Dessas quatro companhias, duas operam no Alasca; outra, que depende duma missão protestante, no Labrador, e a quarta no Canadá. Esta última, a mais rica e poderosa de todas, chegou a ter o direito exclusivo de caça em toda a América inglesa. Hoje, embora a caça e o comércio de peles sejam livres, a referida companhia mantém

A LEI DA MODA

AS FORMOSAS PELES DE LUXO

Os sacrificios que custam justificam bem o seu preço

a supremacia que lhe dá foros de uma espécie de monopólio entre os próprios peles vermelhas e os esquimós.

Logo que chega a época dos frios, começam a caçar, passando todo o inverno nos bosques e nos campos gelados, transportando o produto da caça e os utensílios necessários para o acampamento sobre ligeiros trenós puxados por cães.

Os grandes animais que o caçador persegue mais pela sua carne do que pela sua pele, são caçados a tiro. Quanto aos pequenos, do tamanho da raposa para baixo, são apanhados em armadilhas engenhosas. Para o arminho, cuja pele branquíssima se suja com facilidade, é usado outro processo. Colocam bem presa uma faca de caça untada de gordura no ponto marcado pelo rasto do animal. Os arminhos, deparando com a faca, começam a lambe-la, cuja frialdade não estranham tão acostumados estão ao gelo que lambeam frequentemente. O gelo derrete-se ao contacto quente da língua do



Um casaco de veinchilla

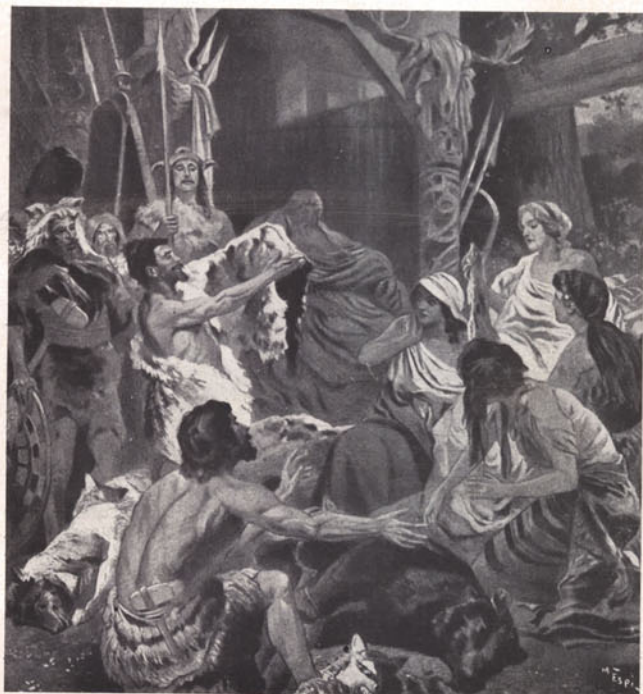
animal, mas o aço é que não se derrete. Assim, quando o arminho quere retirar a bôca por notar que esta arrefece demasiadamente, sente que o aço se lhe pegou à língua porque a gordura gelou. Desta maneira fica sujeito até à chegada do caçador que o apanha. Ora, como se calcula, este processo falha muitas vezes, e daí o preço exorbitante que a pele do arminho atinge e as falsificações que se fazem. Para esta falsificação emprega-se quasi sempre a pele de lebre ártica que, sendo completamente branca, tem negra a ponta das orelhas. Um recorte destas pontas imita perfeitamente a cauda negra do arminho. Com a pele da mesma espécie de lebre, convenientemente tingida, imita-se também a pele de outros animais de vários países como a raposa gris, a "chinchilla", etc. Além disto, os caçadores aproveitam a pele da lebre ártica para fatos, capas, bolsas e outras mil coisas, visto sair baratíssima pela sua abundância. Explica-se assim a razão deste pobre animal ser dos mais perseguidos.

É também objecto de activa perseguição o castor do Canadá, cuja pele é apreciadíssima na Inglaterra. Quando a produção é fraca, denunciando que o castor vai rareando, encerra-se a caça durante vários annos para que os pequenos roedores possam multiplicar-se de novo, e isto se faz sem haver necessidade de qualquer lei ou decreto. Como as companhias convencionaram com os caçadores comprar-lhes toda a espécie de animais "enquanto o sol exista e os rios corram para o mar", a maneira mais prática de impedir temporariamente a caça de qualquer animal é não comprar qualquer pele daquela espécie.

As várias espécies de martas que existem no norte da América dão também formosas peles. A da marta do Canadá, que os zoólogos conhecem por "Mustela americana", chega a atingir preços fabulosos.

Não deve ser esquecida entre os animais polares a raposa azul que se deveria chamar raposa branca porque é branca durante o inverno. O urso é também muito apreciado, no mercado por ser muito perigosa a sua caça. O mesmo poderia dizer-se da rena e do boi almiscarado, cujas peles tão pouco apreciadas até agora pelo mundo elegante, começam a ter grande procura para fatos de aviador e automobilistas. Calcule-se os perigos a que um caçador se expõe ao debrantar-se com um boi almiscarado que tem a bravura e a valentia dum touro.

O comércio de peles em bruto entre os caçadores e as companhias é feita de um modo curioso. O caçador não vai só vender; compra também o que lhe faz



Caçadores dos tempos primitivos

falta, como pólvora, tabaco, chá, mantas, etc. e paga tudo isto com peles, pois o dinheiro é coisa desconhecida para elle. A unidade monetária neste sistema é a pele de castor. O comerciante, após o exame das peles que o caçador traz, faz um cálculo da sua equivalência em peles de castor, dando-lhe a escolher entre os diversos artigos que pode entregar-lhe por aquêle preço.

Não é somente na América que são perseguidos os animais árticos para se obter a sua pele. Da Lapónia vêm, como se sabe, as preciosas peles de *petit gris* que se vendem nos grandes mercados londrinos e parisienses aos milhões.

A pele da marta zibelina, considerada como uma das mais belas, vem do Kamtschatka. Em Petropanlowski, centro do comércio de peles na Sibéria, os caçadores recebem armas, pólvora ou tabaco em troca de peles de marta zibelina.

Desde a Idade Média que esta classe de pele é uma das mais apreciadas. Há séculos havia já caçadores tão audaciosos que se aventuravam no então chamados "países das trevas" à procura das rendosas zibelinas.

Os actuais meios de comunicação, facilitando as viagens às mais longínquas paragens, contribuíam para que nos mercados da Europa apareçam com mais frequência estas peles preciosas, embora a preços elevadíssimos.

A Moda ordena. E' forçoso obedecer-lhe.

E coisa curiosa!—às mulheres mais formosas ficam sempre maravilhosamente as peles das feras mais perigosas, talvez carácter felino que Deus lhes deu para sacrifício do homem...

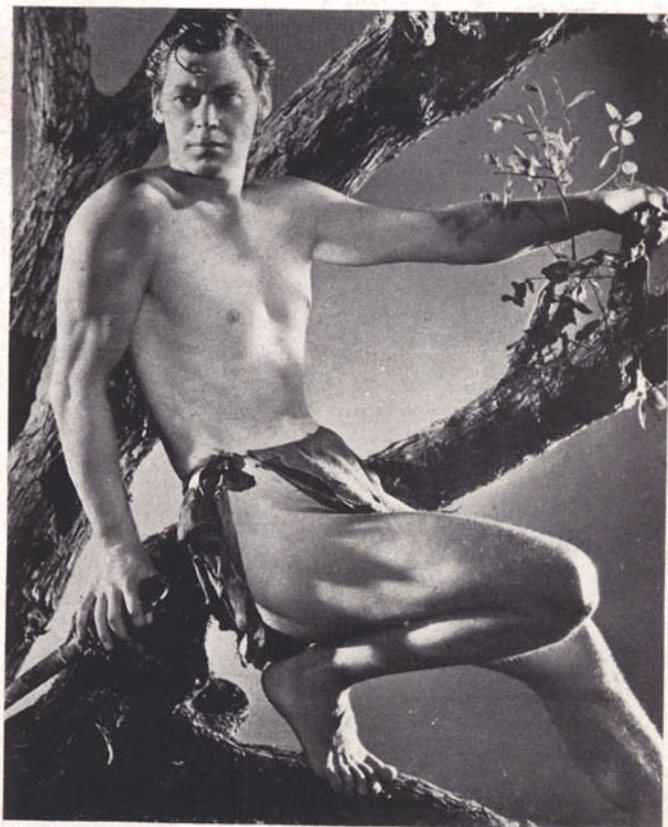
Ninguém protesta contra este terrível imposto que é o mais pesado de todos os que pagamos. Os seus decretos, publicados em todas as grandes revistas de elegâncias parisienses ou londrinas, têm força de lei e não admitem, em caso algum, prorrogação de prazos.

Quando os grandes costureiros proclamam a chegada da nova estação, todas as damas elegantes são obrigadas a ir esperar a illustre visitante, entregando a *toilette* que protocolarmente lhes foi indicada com uma severidade inflexível.

Ai! daquela dama que tente desobedecer! A' entrada dum teatro, durante um chá no casino, no mais curto passeio, em qualquer momento que se aventure a sair à rua, sofrerá o terrível peso do ridículo.

E as outras damas, as que se mantiveram fieis aos decretos da Moda, não se dignam mais recebê-la no seu grémio de elegantes.

Chegou o Inverno! Todas as damas desejam cobrir-se das peles mais custosas e raras...



As mulheres gostam dos valentes

Isto é incontestável e a vida mesmo nos dá razão.

Conheci uma criatura, mulher com certos predicados de beleza e de inteligência, que se apaixonou perdidamente por um rapaz que não era nada bonito, mas que tinha o *it*, o "não sei quê," que toma de empreitada todos os encantos.

Com respeito às suas qualidades de valentia e coragem, ela nada sabia, a ocasião não se tinha proporcionado para

que ela pudesse julgar dos seus atributos de força e brio.

Um dia, porém, na sua presença, estalou uma questão, entre esse rapaz e um outro indivíduo.

Estavam passando quasi de palavras a vias de facto quando o galã da tal mulher se esquivou absolutamente á liquidação pela força dos pulsos, não abertamente, mas recuando e dizendo aos amigos que o rodeavam:

— "Agarrem-me, senão dou cabo daquêlê maroto!,"

Fingia-se furioso e cheio de ânimo, mas a farsa era tão clara que a sua apaixonada ficou curada para sempre do seu devaneio.

Não resistiu ao ridículo da situação a paixão que até ali a tinha dominado completamente.

Os boxeers são os homens que mais estragos fazem nos corações femininos, sobretudo nos países onde essa forma de luta entrou na vida com a regularidade do pão de cada dia, como na América do Norte, o paraíso do "boxing".

As estrêlas do cinema têm corajosamente afrontado a turba unindo os seus destinos aos célebres esmurradores de narizes.

Estelle Taylor foi muitos anos a dedicada esposa de Jack Dempsey e só resolveu divorciar-se, quando a estrêla do boxeur empalideceu.

A loira e trepidante Anny Ondra gosa

ainda as delícias do matrimónio com o alemão Schmelling, e Baer, agora derrotado pelo negro Joë Louis, também casou com uma outra fragilidade qualquer, e não tarda nada que se divorcie, porque as mulheres gostam dos brutos — mas quando vencem!

Joë Louis, o homem do dia do "ring", está tão convencido de que o amor das mulheres vive estreitamente ligado aos punhos do ente amado, que resolveu casar, na véspera do combate com o Baer. Não estava lá muito certo de vencer e só uma certeza o acompanhava — a de que a namorada não o queria para esposo, se ficasse vencido.

Assim, ao menos, perdendo, ainda lhe ficavam umas horas agradáveis entre a expectativa e o resultado final.

E, depois, o divórcio, que viesse.

Mas, teve sorte, o negro. Venceu e venceu bem, em tôda a linha. Os tempos vão propícios para os nossos irmãos de côr, e novas vitórias os esperam. Também já não era sem tempo, depois de séculos de luta.

Mas, voltando ao que nos interessa, os homens que tenham bem em vista que não é só em... — como hei-de dizer isto? — debates internacionais que "la force prime le droit".

Na vida todos os dias e de tôda a gente, também a força vence o direito, freqüentemente.

Por isso, que os tímidos, os que se deixam dominar pela mulher, tratem de reagir contra a sua própria fraqueza.

Que a bem dizer a fraqueza do homem perante a fêmea não existe.

É uma sugestão apenas, é uma espécie de "Tabú", como a força do Tibério, ali no Avenida.

Como a tirania do irascível marido da D. Aninhas foi substituída por uma ternura bem raciocinada, também a submissão do homem à mulher se transforma em comando, se êle ousar afrontar a rebarbativa cara metade metade.

E deve fazê-lo, para honra do sexo.

O homem deve ser forte e só assim conseguirá a completa afeição da sua companheira.

Não digo que lhe toque "a pavana", se bem que algumas a isso façam jús, mas que saiba impor a sua vontade, sem tirania e sem abdicar nunca dos seus direitos de primazia como chefe.

Mercedes Blasco.

A lei dos contrastes não é geralmente sentida. Não é, porque todos nós conhecemos morenos casados com morenas, e loiros com loiras, e homens pequenos acasalados com pequenas mulheres, e gordos com gordas, e assim por diante. Mas é respeitada e acatada, por uma percentagem bastante significativa.

Vemos muitas vezes rapazes trigueiros embeçados por uma loirinha e homens baixinhos e magrizelas bebendo os ares por uma mulheraça de respeito. Onde o contraste se torna mais violentamente expresso é entre a fragilidade e a força.

E é a mulher que nele se manifesta a mais entusiasta e decisiva em sua opinião.

Houve aí um filme que se intitulava "As mulheres gostam dos brutos".

Claro que estes brutos não querem dizer, como muita gente poderia supor, malcriados e intratáveis.

Brutalidade, aqui, está na acepção de força e de valentia. Porque há homens fortíssimos atletas, hércules, que são ternos, como cordeirinhos, para a escolhida do seu coração.

O que a mulher aprecia é um homem decidido a defender-se, quando é preciso, e que não se esquive a dar ou apanhar um bom sopapo.

Acima de tôdas as qualidades, sejam físicas, sejam relativas à sua posição social, não há nada que entusiasme uma mulher, como um homem de coragem.



Lloyd George jogando o «golf»

DAVID LLOYD GEORGE, ex-presidente do Ministério, membro de quasi todos os governos ingleses que se sucederam durante 25 anos, posto de parte, porém, desde a queda do gabinete liberal em 1922, voltou hoje a ser um dos estadistas em destaque da Grã-Bretanha. Com 72 anos, colocou-se à cabeça dum movimento que preconiza medidas radicais para remover a crise política e económica, fazendo uma propaganda mostra com um aparato gigantesco de reclamo, que honraria qualquer empresa cinematográfica.

Com o nome de Lloyd George encontram-se hoje designados quasi tantos objectos como com os de afamadas estrêlas de cinema. São morangos, rosas, marcas de tabacos, até mesmo bicicletas e sabonetes, que têm seu nome, como marca, a-pezar-de êle nem sempre ter dado o seu consentimento para este reclamo barato. Acaba de aparecer no mercado o sabonete «New Deal», um sabonete barato que apresenta o retrato do leão de juba branca de Cornwall, e que traz a inscripção: «Lava as tuas mãos de todos os preconceitos — estuda o «New Deal».

— Os homens de finanças e chefes industriais mais eminentes provaram-me à evidência — declarou-me Lloyd George, — que tôdas as tentativas feitas até à data para dominar a depressão, eram erradas. E' por isso que, coadjuvado por

na, quer na externa, e, com intensa diplomacia, ocultou-se a verdadeira situação.

Lloyd George copiou, com o seu «trust» de cérebros, o exemplo americano de Roosevelt. De resto, todo o seu plano, constitue uma reprodução do «New Deal» do Novo Mundo, a-pezar-de a sua estrutura ter sido adaptada às necessidades britânicas. O presidente Roosevelt, no período das suas funções, prestou maiores serviços do que a maior parte dos presidentes dos Estados Unidos da América antes dêle. E Lloyd George diligencia expôr-se tanto como Roosevelt, para, do mesmo modo, se afirmar homem de acção e de pulso firme, como o seu modêlo, que têm menos 30 anos que êle.

— Os americanos aprenderam a conformarem-se com factos — explica o veterano da arêna política, animado de fanatismo juvenil. — Os ingleses ainda o têm de aprender. Que fez a Inglaterra, nos últimos anos, a favor da paz que, como dizem, tanto preocupa os seus chefes? Onde quer que se intromettesse, agravou o conflito. A Conferencia do Desarmamento, tão «apoiada e adiantada», pela Inglaterra, conduziu a uma corrida de armamentos gigantesca, por parte de todos os países do mundo. A grande potencia que é a Inglaterra permitiu que a S. D. N., para cujo sustento o povo paga, por cujo prestígio o mundo luta, fôsse escarnecida por todos os que quizeram. O Japão, a

Lloyd George

fala à «Ilustração» do seu «New Deal», da crise da S. D. N. e do conflito italo-etíope

alguns cérebros em destaque elaborou um plano que, pela primeira vez, prevê medidas práticas, coloca actos no lugar de palavras e promessas, põe no primeiro plano a política de acção. Até agora não se conseguiu vencer os obstaculos para chegar a decisões decisivas, adiaram-se todos os assuntos importantes, quer na política inter-

Alemanha, até a Bolívia e o Paraguai, todos os que têm querido esquivar-se ás responsabilidades, dão baixa, simplesmente, da sua colaboração. A S. D. N. perdeu em penetração, o seu gume têm mossas, e se não fôr reedificada nos seus alicerces, terá chegado a sua última hora. Também o conflito itálo-abexim não representa nenhuma página de glória, na história da diplomacia inglesa, e se ela continuar a agir do mesmo modo, não será possível, para o futuro, terem-se grandes esperanças. Gastaram-se biliões para fazer a guerra, e regateiam-se centavos para manter a paz.

O «Leão de Cornwall», como o povo inglês chama ao antigo advogado de juba branca, reconheceu que, até hoje, o Mundo não obteve resultados quando se esforçou pelo saneamento económico e pela recrudescencia do comércio. E' por esse motivo que Lloyd George procura a paz e a prosperidade noutra direcção.

— A causa principal da nossa pobreza é a abundancia — diz ainda Lloyd George — O Mundo sucumbirá devido a esta abundancia de mercadorias e de productos. Faltam as possibilidades de utilizar tudo aquilo que se produz, porque as vias mercantis estão obstruidas, são antiquadas e inaproveitáveis. As rôtas do comércio universal fôram erradamente construidas, não estão adaptadas às necessidades. Não é possível ocupar-se os dois milhões dos «sem trabalho», ingleses, só com a esperanza de uma prosperidade que há de sobrevir. E' preciso criar trabalho, em vez de se confiar que tudo, por si, entre nos eixos. Se eu pudesse tomar a gerencia, em cinco anos tornaria a Inglaterra o país mais feliz do mundo.

«Em vez de economizar, dedicaria milhões e mais milhões á reedificação e á criação de trabalho. Todos os países travam a sua batalha do trabalho. Também Portugal encontrou o caminho que conduz à sua reconstrução interna. O meu «New Deal» revolverá o país inteiro, criará vida e movimento. E, quando a Grã-Bretanha se movimentar, também o resto do Mundo será impulsionado e há de encontrar o caminho que conduz à prosperidade.

(Exclusivo em Portugal de «A Ilustração».)

E. M. Salzer — Londres.



Primo de Rivera

A morte do presidente Harding, da República dos Estados Unidos, continua envolta num denso mistério, embora uns afirmassem que fôra provocada pela picada dum insecto venenoso, e outros por venêno violento propinado na comida.

O escritor Antoine Zischka, no seu último livro "La guerre secrète pour le petrole", pretende sondar, não só este caso tenebroso, mas o estranho fim do general Primo de Rivera.

Começa por citar a razão dos triunfos do senador Harding, que conseguiu ser eleito para a Casa Branca, graças ao dinheiro e influência de Rockefeller, Doheny, Sinclair e outros magnates poderosos, e salienta que uma tão valiosa ajuda impunha compensações imperiosas. Desde a sua eleição, o novo presidente foi o instrumento cego da Standard Oil podendo afirmar-se que nunca o governo dos Estados Unidos estivera tão completamente nas mãos dos petroleiros.

Harding nomeou seu secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, M. Hughes, um dos directores da Standard. A diplomacia americana, a partir deste momento, transformou-se numa repartição especial dos interesses de Rockefeller.

Quando visitou os campos petrolíferos de Oklahoma, o presidente Harding declarou com a maior solenidade:

— "Depois da agricultura e dos sistemas de transporte, a indústria do petróleo tornou-se o instrumento mais eficaz da nossa civilização e do nosso bem-estar."

Entretanto, Albert Fall, secretário de Estado, do presidente Harding, mantinha-se ostensivamente associado com Harry Sinclair e Doheny, e tornava-se célebre pelo escândalo de Teapot Dome. O *High-Court* condenou-o com a prova flagrante

de que "tudo o que este criminoso tinha feito estava manchado de corrupção."

Mas, antes deste fim inglório, Fall conseguiu um pagamento de 25 milhões de dólares á Colombia, aplacando assim o velho agravo e a velha sanha contra a questão do Panamá. Abria desta maneira, aos petroleiros americanos que exploravam na Colombia, o caminho dum dos países mais ricos em petróleo no mundo inteiro.

Para auxiliar o seu amigo Doheny na batalha contra a Mexican Eagle, o irrequieto Fall conseguiu o envio dum cruzador americano a Tampico. Ante a formidável influência dos petroleiros em Washington, os ingleses começaram a alarmar-se. Para se suavisar a fome e pacificar os espíritos, eram oferecidas concessões na Mesopotâmia e no norte da Pérsia á Sinclair e á Standard Oil. Tudo foi em vão. Sir John Cadman, chefe da Anglo-Persian, enviado de Washington pelo governo de Londres, sentia-se impotente para negociar uma paz segura com os senhores da Casa Branca.

Por sua vez, os americanos, seguros do seu governo, da sua frota marítima e da sua diplomacia, começaram a fazer a guerra em grande escala: Sinclair visitou a Rússia, tornando-se grande amigo dos mais ferreiros comunistas. Ofereceu 200 milhões de dólares aos Sovietes e prometeu-lhes, além disso, serem reconhecidos oficialmente por Washington. Tornou-se também grande amigo dos senhores da Pérsia, enquanto o seu companheiro Doheny reconquistava grande parte da sua influência no México. Rouba todas as reservas de petróleo da marinha americana, e alcança concessões enormes por intermédio do seu amigo Albert Fall que obtem 200 mil dólares pelos seus serviços nesta transacção.

Corrompe o procurador geral Dagherly e o ministro da Marinha, Demby. E, graças a uma tal influencia, está em vésperas de criar um "reino de petróleo", para os seus amigos Sinclair e Doheny, "reino" que se tornará tão poderoso como o da Standard Oil.

Foi esta ânsia de grandeza que perdeu os "Independentes", visto a Standard não gostar de concorrências. Sir John Cadman, que nada pudera fazer junto do

O presidente Harding, sua esposa e seu pai



DESTINOS TRÁGICOS

O presidente Harding e Primo de Rivera sucumbiram de morte natural?

governo americano, conseguira reunir informações curiosas e vários documentos significativos. Deterding, que viajava no México, comprara "El Universal" — o maior jornal mexicano — e, pouco depois, campanhas terríveis denunciavam os manejos dos agentes de Doheny, de Sinclair e da Standard. Na América, os agentes de Deterding preparavam séries de artigos que aludiam a casos bem embaraçosos para Fall e seus amigos.

A Standard agia.

Harding era manejado como um boneco de trapo. O que exigiam dele tornava-se cada vez mais perigoso. Começou a ter medo do escândalo. Um tal estado de coisas não podia continuar. Por isso, no princípio do verão de 1923, decidiu revoltar-se contra os senhores do petróleo. Era muito tarde já.

O presidente Harding desapareceu da capital, afirmando-se que havia ido repousar na solidão do extremo norte americano.

Poucos dias depois, um telegrama de Vancouver noticiava a morte do presi-

dente Harding, provocada, segundo uns, por meio de venêno na comida, ou pela picada dum insecto venenoso, segundo outros.

Alguns dias antes da assinatura dos contractos entre Sinclair e os russos, antes que o "reino" de Doheny e Sinclair se tornasse tão importante como o da Standard, rebentou o escândalo do Teapot Dome. A Standard, sempre poderosa, comprou por 50 milhões de dólares todos os poços de Doheny no México, pregando na prisão de Sing-Sing com os dois audaciosos "Independentes", durante três meses, pelo menos.

Em 1927, Primo de Rivera governava na Espanha com mão de ferro. As finanças estavam florescentes. Centenas de barcos deixavam, cada dia, os portos espanhóis para exportar frutos, vinhos e azeites para Inglaterra e para a América.

Por sua vez, alguns barcos-cisternas de Deterding e da Standard traziam petróleo. Mas Primo de Rivera, na boa intenção de vender os productos do seu país, havia de deixar todos os beneficios aos petroleiros?

As estatísticas provavam-lhe que os petroleiros ganhavam fortunas fabulosas em Espanha. Porque não havia de obstar a uma tal especulação, instituindo um monopólio de petrólios?

Copiado o texto dum projecto de monopólio então em discussão em França, estabeleceu-se um monopólio de petrólios, fazendo-o explorar por uma sociedade arrendatária, da qual 30 por cento das acções se encontravam na posse do governo espanhol. Reverteriam ainda para o Estado um dividendo de 10 por cento e um quarto dos beneficios. Primo de Rivera fez confiscar as instalações de Deterding e da Standard Oil, fixando 75 milhões de pesetas para fazer face ás indemnisações a pagar.

Deterding e a Standard uniram-se ainda uma vez para entrar a deliberação do governo espanhol. Durante os meses que se seguiram, o preço do petróleo baixou. Depois, por outro manejo occulto, o petróleo baixou em todo o mundo, menos na Espanha, onde o preço atingiu mais de 20 por cento. Isto não podia agradar

ao povo espanhol, ao qual Primo de Rivera tinha garantido que o monopólio visava a baixa do petróleo.

Um dia, acabaram-se as reservas do monopólio. Entretanto, Deterding e Standard, que tinham intentado processos formidáveis ao governo espanhol, ao qual exigiam 300 milhões de pesetas, em vez dos 75 que tinham sido dados como indemnisações confiscadas, deram o golpe de misericórdia. Deterding e Standard, que controlavam todos os barcos-cisternas em todos os países produtores, recusaram-se a vender petróleo a Primo de Rivera!

Tendo os seus "stocks" esgotados, os espanhóis foram forçados a comprar pe-



Presidente Harding

trólio onde o encontraram — na Rússia!

Os terríveis petroleiros sabiam bem que, negando-se a vender petróleo aos espanhóis, forçavam Primo de Rivera a comprá-lo aos seus inimigos mortais, e isto significaria a sua queda.

Os soviets, recebendo bom dinheiro espanhol, enviavam o pior petróleo que tinham, visto a Espanha ser forçada a comprar tudo. Calcula-se o efeito. O monopólio desacreditava-se cada vez mais.

Como se não bastasse, Deterding abriu uma terrível campanha contra os productos alimentares espanhóis. A Inglaterra passava a comprar frutas nos seus Domínios, enquanto a fruta de Espanha apodrecia nos portos!

A Standard mostrava também a sua influência política. Como por encanto, as alfândegas americanas proibiram a descarga dos barcos espanhóis que transportavam vinhos, frutas, legumes e azeites, sob o pretexto de que as mercadorias espanholas estavam contaminadas, tornan-

do-se, portanto, perigosas para a saúde pública.

Primo de Rivera sentia a terrível pressão dos seus adversários. Perdas comerciais enormes: a peseta, ajudada, havia pouco, pela Chase Bank, de que era director o sogro de Rockefeller Júnior, e pelos banqueiros amigos do Royal Dutch, foi caindo, caindo, duma maneira aterradora.

Nisto, deu-se o golpe de Estado.

Primo de Rivera seguiu para Paris, indo hospedar-se no Hotel do Pont Royal, da rua do Bac. Ali se conservou durante dois meses com suas filhas Carmen e Pilar e o seu filho Miguel.

Na noite de 15 de Março de 1930 regressou ao hotel, acompanhado pelo dr. Alberto Brandelac de Pariente, médico da Embaixada espanhola. Subiram os dois, tendo tomado cada um seu copo de leite.

Na manhã seguinte — era domingo — tendo as filhas de Primo de Rivera ido á missa, no regresso, encontraram o pai morto no leito...

A tremenda denúncia apresentada agora por Antoine Zischka no seu livro "La guerre secrète pour le petrole", que se espalhou rapidamente em várias edições através do mundo inteiro, vem dar outra versão ao triste fim de Primo de Rivera que foi sempre atribuído a uma má morte oculta, poderosa e inexorável. No entanto, até que surja um elemento de prova irrefutável, continuaremos com a nossa convicção: Doente, combalido, o general Primo de Rivera recolheu-se a Paris a fim de espairar as máguas profundas que a ingratidão sempre deixa nos corações.

Os seus padecimentos, agravados pelo desgosto, empolgaram-no e mataram-no. Quando se afirma que foi o desgosto que o matou, não se andarã longe da verdade.

Não pôde vêr esse bravo guerreiro de Marrocos a mais sentida homenagem que em toda a sua vida lhe foi tributada.

Quando o seu cadáver era trasladado para Espanha, houve um grupo de mulheres do povo que esperou o cortejo numa estrada por onde éste deveria passar. Rodearam o féretro e acompanharam-no durante alguns quilómetros, numa comovedora guarda de honra de corações agradecidos.

Aquelas mulheres do povo eram as mães dos soldados que Primo de Rivera mandara regressar de Marrocos, e que, a não ser assim, teriam sucumbido sem um conforto nem um carinho.

Belo gesto dessas rudes mulheres do povo!

○ Procópio regressava certa noite à casa com a mulher depois dum dia passado a percorrer lojas e a fazer inúmeras compras.

— Que lindo luar! — exclama em certa altura a mulher.

— Sim? — responde êle distraído — E quanto custa?

— Mamã, o seu cabelo tem ondulação permanente?

— Para que queres saber isso, meu filho?

— Tenho estado a pensar. Não se poderia fazer uma lavagem de pescoço permanente?

— Se uma cousa destas tornar a acontecer, Maria, terei de arranjar outra criada.

— E era o que a senhora dêvia fazer porque o serviço é muito só para uma.

— O senhor não pode caçar com a licença do ano passado.

— Ora essa!? Ando a atirar a coelhos que falhei há um ano.

A mãe: — Se querias ir ao cinema, porque não viestes pedir-me antes?

O filho: — Porque queria ir ao cinema...

— Parece-me que conheço tua mulher. É loira, não é verdade?

— Não sei. Foi agora ao cabeleireiro.

A actriz do cinema para o realizador:

— Mas se tenho de me lançar na torrente como hei-de salvar-me depois?



O leão: — Pobre porco-espinho! Foi o único que tomou a sério a idéia do desarmamento.



— Não se preocupe. A senhora já não tem que aparecer em mais nenhuma cena.

O chefe da esquadra: É um caso de roubo, não é verdade?

O médico que apresenta queixa: A falar verdade, não é. Eu disse a êste homem para tomar qualquer cousa quente e êle quando saíu levou o meu sobretudo.

O marido extenuado: Percorri tôdas as lojas da cidade mas nenhuma tem dêste tecido que queres.

A esposa: Ora ainda bem! Queria ter a certeza de que ninguem mais poderia fazer um vestido igual ao meu.

— Papá, que é uma falência? — pergunta uma criança esperançosa.

— Uma falência, meu filho, é quando, por exemplo, um homem mete o dinheiro na algibeira das calças e deixa os credores levar-lhe o casaco.

Uma senhora entra numa camisaria e dirige-se hesitante ao caixeiro.

— Queria comprar colarinhos para meu marido, mas não me recordo da medida que êle usa.

— Talvez trinta e três — surge o empregado.

— E' isso mesmo — replica a cliente — Mas como pôde o senhor adivinhar?

— Os homens que deixam as mulheres comprar-lhes colarinhos usam em geral essa medida, minha senhora.

— O seu filho está fazendo grandes progressos no violino. Começa já a tocar lindos trechos de música.

— Acha? Eu e minha mulher pensavamos que era de já estarmos habituados.

— Queres hoje para o teu jantar um bom bife em sangue e umas batatas bem fritas?

— Não, minha querida. Precisamos de fazer economias e é preferível, por isso, comermos em casa.

— O senhor é que é um homem feliz — dizia um alfaiate para um médico.

— Porquê?

— Porque nunca lhe devolvem um trabalho mal feito para emendar.

Simplicio apresentou-se numa escola de educação física e matriculou-se num curso de *boxing*. Compareceu à primeira lição, ouviu as explicações preliminares e passou imediatamente ao primeiro treino.

Quando a lição terminou, Simplicio tinha várias contusões e o seu entusiasmo parecia ter esfriado sensivelmente. O professor disse-lhe algumas palavras amigas que êle interrompeu com um gesto, ao mesmo tempo que apalpava as equimoses e dizia:

— Perfeitamente! Mas de hoje em diante quero receber as lições... por correspondência.

No leito conjugal:

— Teotónio, estás deitado com a cabeça para os pés da cama.

— Ora aí está! Eu a julgar que tinha uma dor de dentes e afinal eram os calos...

— O meu filho enguliu agora mesmo uma moeda de cinco escudos...

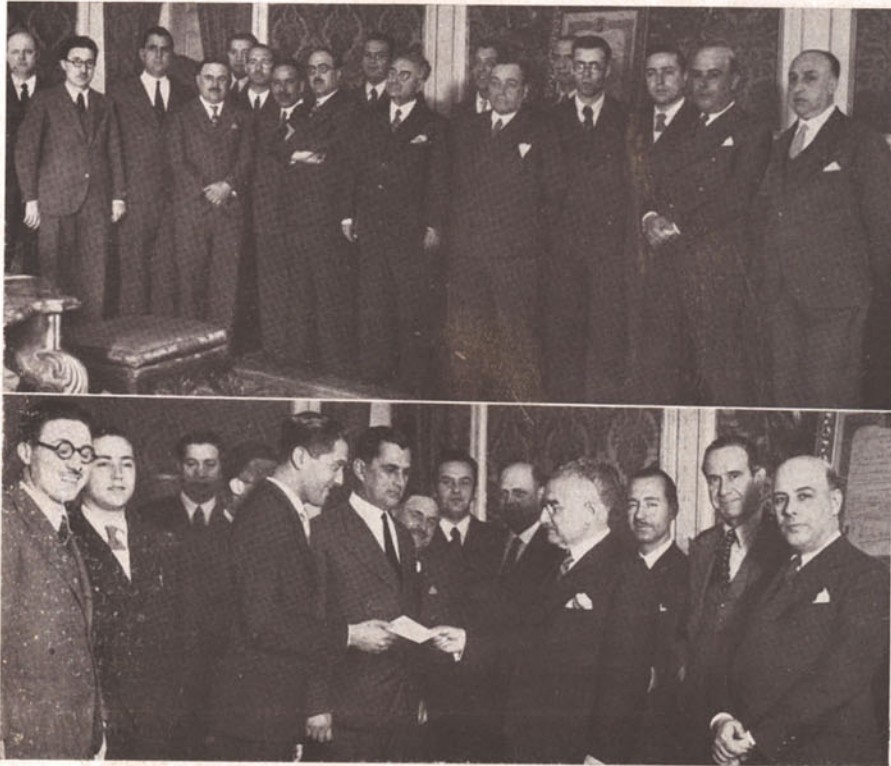
— E corre perigo?

— Não, felizmente o pai não está em casa.

Um polícia sinaleiro adverte um automobilista de que ao circular pela praça não deve passar pela frente mas sim por trás dêle. O "chauffeur" desculpa-se dizendo que não viu o agente, ao que êste responde:

— Já fica avisado. Para a próxima vez dê a volta por trás de mim, quer eu esteja aqui ou não.

Concurso de cartazes para a Exposição do Livro Espanhol em Lisboa



CONFORME foi noticiado, reuniu no dia 19 o júri dos cartazes para a Exposição do Livro Espanhol em Lisboa, que deliberou por maioria, conceder o 1.º prémio, de 3 000\$00, ao cartaz «3333», de José Rocha, que tem equilíbrio clássico e dá em síntese o assunto a que se destina; o 2.º, de 1.500\$00, ao do lema «Cervantes», de Fernando Bordalo Pinheiro, de grande efeito decorativo; e o 3.º de 500\$00, ao cartaz do mesmo lema, de Eduardo Narbona, de Madrid. Foram concedidas menções honrosas aos trabalhos dos espanhóis Marquez Ferrer e Perez Fernandes, e dos portugueses Costa Silva e João Fonseca.

ram expostos durante uma semana na rua do Salitre, n.º 1, onde foram muito visitados.

Proseguem activamente os trabalhos para a organização desta notável exposição que marcará como acontecimento de relevo no nosso meio. Para assistir á inauguração da exposição, que se realiza nos primeiros dias do mês de Dezembro, foi pela comissão executiva convidado o ministro espanhol da Instrução, sr. Bardaji, que já enviou a Lisboa o sr. Livinio Stuych Millenet a fim de estudar a decoração das salas com tapeçarias da Fábrica Nacional de Madrid, da qual é director e onde está tratando da reprodução das célebres tapeçarias de Pastrana.



Esta inteligente e simpática iniciativa, a que os poderes públicos espanhóis dão o mais animador apoio, tem por fim promover no nosso país, e noutros da América do Sul onde se repetirá, a propaganda do livro espanhol, cujo valor é já, de resto, conhecido tanto no domínio científico, como literário e bibliográfico. Do programa da exposição faz ainda parte um concurso de críticas a ela referentes, em que serão atribuídos três prémios em dinheiro aos jornalistas que publicarem as melhores crónicas de impressões sobre a exposição.

O concurso de cartazes que inaugurou esta campanha de propaganda constituiu um notável êxito e estamos certo de que o mesmo acontecerá aos restantes números do programa.

Iniciativas destas têm o direito de frutificar. As nossas gravuras representam: à esquerda, em cima, a comissão de honra com o júri, expositores e embaixada de Espanha. Por baixo, o sr. embaixador de Espanha entregando o prémio ao 1.º classificado. A' direita, o cartaz que obteve o primeiro prémio no concurso.



Reabertura da Assembleia Nacional e Câmara Corporativa

Em conformidade com o que dispõe a Constituição Política da República Portuguesa, reabriu no dia 25 do mês findo a Assembleia Nacional, que em 11 de Abril último encerrára o seu primeiro período legislativo de três meses prorrogáveis.

A sala das sessões apresenta duas transformações: uma mais ampla e elegante tribuna para os oradores e o desaparecimento da bancada dos ministros que em ocasiões solenes ou quando interveham no debate ocuparão cadeiras que serão colocadas no hemicycle.

A sessão inaugural, que é a 45.ª da actual legislatura, não teve qualquer carácter solene, em obediência aos preceitos da Constituição. Presidiu o sr. dr. José Alberto dos Reis que num pequeno discurso se referiu á tentativa revolucionária de Setembro último e á atitude assumida por Portugal em Genebra perante o conflito entre a Itália e a Abissínia.

Procedeu-se á eleição dos vice-presidentes que deu em resultado a recondução nesses cargos dos deputados que o ocuparam no último período, srs. dr. Albino dos Reis Júnior, dr. João Antunes Guimarães e engenheiro Pinto da Mota.

Inaugurou do mesmo modo os seus trabalhos a Câmara Corporativa.

As nossas gravuras representam: em cima, alguns membros da Assembleia Nacional nos Passos Perdidos. Em baixo, um aspecto da sessão da Câmara Corporativa.





A nossa época agitada e irrequieta, é propícia à revelação dos destinos extraordinários. E poucos se podem comparar neste sentido ao do Adolf Hitler, o «Führer» do povo alemão.

Há uns dez anos apenas, o mais arguto dos psicólogos não descartaria nele o homem reservado a uma missão excepcional. As suas faculdades de orador, manifestadas em diversas ocasiões, pareciam insuficientes para lhe garantir um lugar na história. E a sua existência, apagada e vulgar, consumira-se até então numa luta árdua e sem grandeza contra as misérias e privações. O chefe da nação alemã teve origens humildes.

burocrático fora sempre o seu maior desejo. Queria por isso que o filho o seguisse na carreira do funcionalismo, que, a seu ver, constituía o fulcro sempre duma ambição

N.º direita: Hitler na escola (na última fileira marcado «1»). O seu carácter voluntarioso revelou-se já nesta fotografia. Ao alto e em baixo: Dois aspectos de Viena desenhados pelo «Führer» alemão



Por uma curiosa contradição do destino, este nacionalista exaltado não nasceu na Alemanha mas sim na Austria. Foi de facto na pequena aldeia de Braunau, a pequena distância da fronteira da Baviera, que o futuro ditador alemão viu a luz. O seu nome de família, que mais tarde aparece misteriosamente transformado, é Schröckenfuchs. Poderia julgar-se que ele preparava a conquista duma celebridade mundial começando por se desembaraçar dum apelido que teria oposto quasi invencível dificuldade à divulgação do seu nome.

Seu pai, de condição muito modesta, alcançara um emprêgo na Alfândega austríaca, após muitos anos duma vida penosa. Este pósto



pequeno intervalo, a da mãe. Adolf ficou orfão e sem recursos. Tinha duas irmãs, a mais velha das quais era casada. Deixou-as e partiu para Viena, à procura dum futuro melhor.

Na capital austríaca começou por se apresentar na Academia de Belas Artes. Persistia no seu propósito de vir a ser pintor. Esperava-o, contudo, uma decepção. Os professores que examinaram os seus desenhos para se pronunciarem sobre a sua admissão, foram de parecer que ele não tinha aptidões para a pintura e que devia ingressar de preferência na Escola de Arquitectura. Mas para isso era preciso um diploma e Adolf não o tinha.

Viveu então quatro ou cinco annos em Viena. Exerceu toda a especie de officios. Foi pedreiro, pintor de tabuletas, criado de restaurante. Muitas vezes não encontrava occupação e conheceu horas amargas de miséria.

Travou relações nessa altura com um gravador que teve a ideia de o fazer desenharem vistas de Viena, que depois editava sob a forma de bilhetes postais. Esse antigo sócio de Hitler declarou mais

FIGURAS DA

O extraordinário destino do «Führer», do novo alemão

As vicissitudes da agitada existência de Adolf Hitler

legítima. O joven Adolf não partilhava, porém, deste ponto de vista. A existência do pai afigurava-se-lhe despidida de interesse e sonhava com outros destinos mais altos. Fez, entretanto, os seus estudos preparatorios e ingressou a seguir num curso superior.

A única aptidão especial que evidenciava era para o desenho. Possuía certa intuição artistica, e, estimulado pelas apreciações que os seus trabalhos sugeriam, concebeu o projecto de vir a ser pintor.

Este facto fez surgir graves desinteligencias entre pai e filho. Houve entre ambos discussões tempestuosas sem qualquer resultado. Por fim, sobreveio a morte do pai, a que se seguiu, com

ACTUALIDADE

O extraordinário destino do novo alemão

As vicissitudes da agitada existência de Adolf Hitler

tarde que os desenhos e aguarelas do futuro «Führer» eram cópias de obras célebres que se pretendia fazer passar por originaes.

Munich, cidade de artistas, atraia-o. Para lá partiu pouco antes da declaração da guerra, continuando, como em Viena, a lançar mãos dos mais variados recursos para viver. Quando a mobilização de 1914 foi decretada, alistou-se num regimento bávaro. Foi ferido pela primeira vez em 1915. Só um ano depois pôde voltar à frente da batalha. Finalmente em 1918 foi gaseado e esteve em riscos de ficar cego.

Após o armistício regressou a Munich. Continuava a fazer parte do Exército. A capital da Baviera estava então em poder dos revolucionários que durante alguns dias fizeram reinar sobre ela um espantoso terror. Que fez Hitler durante esse tempo? Era social-democrata, espião ou terrorista? Ninguém o sabe dizer.

Quando o Exército regular dominou a situação, Hitler reapareceu com um cargo de importancia — membro da comissão de inquérito ao movimento revolucionário. Era elle quem redigia as actas de accusação, trabalho em que pôs toda a dureza e inflexibilidade.

Este facto garantiu-lhe certo prestígio dentro do Exército. As autoridades militares alemãs preocupavam-se nessa altura em reeducar o soldado na obediência passiva e em exterminar



Um retrato pouco conhecido de Adolf Hitler

Caricatura feita em Hamburgo pelo artista italiano Astori com permissão de Hitler



o fermento revolucionário que perdurava nos espiritos. Hitler foi um dos instrutores escolhidos para ensinar os soldados a sentir e a pensar nacionalmente. Desempenhou-se nessa missão por meio de conferências, em que a sua eloquência se afirmou brilhantemente.

Posto assim em evidência, os officiaes superiores confiaram-lhe uma nova missão — a de informador político. Os seus deveres consistiam em se misturar ao corrente de todas as evoluções da politica.

Foi por essa occasião que aconteceu ter de fazer um inquérito discreto sobre uma associação de aparência politica que se intitulava pomposamente «Partido Operario Alemão». Esta pretensa facção politica era bastante antiga. Fora fundada por um tal Anton Drexler e compunha-se duns 40 ou 50 clientes duma cervejaria designada por «Sternecker-Brau». Hitler tomou parte em algumas reuniões dos dirigentes desse Partido embrionário, cuja assistência não ia além de seis ou sete pessoas. Numa dessas sessões tomou a palavra um individuo que defendia a separação da Baviera da Prússia, preconizando ao mesmo tempo a união austro-bávara, como meio de obter dos Aliados condição de paz menos pesadas.

Todas os ideais germânicos de Hitler se revoltaram perante esta doutrina. Tomou a palavra e num discurso vibrante disse tudo o que pensava. Os assistentes ouviam-no com surpresa e admiração.

Alguns dias mais tarde Hitler recebia um postal em que lhe comunicavam ter sido admitido no «Partido Operário Alemão». Ele próprio relata no seu livro «Mein Kampf» que hesitou dois dias antes de tomar uma decisão. A sua intuição dizia-lhe que estava num momento crítico da sua existência. Sentia-se superior aos restantes clientes da cervejaria e estava certo de que havia de dominá-los. Incontestavelmente intelligente, comprehendia que no programa politico esboçado por Drexler havia cousas boas e sobretudo inéditas. Adivinhava que esse programa continha em si próprio um extraordinario poder de expansão entre o povo germânico.

E a decisão veio, por fim, apoiada em ambições de que os clientes da cervejaria não suspeitavam sequer. Hitler ingressou no Partido.

Até um de Abril de 1920, o futuro chanceler do Reich continuou a fazer parte da Reichswehr. Recebia o soldo e tomava parte nos exercicios. Poderia conservar o seu posto indefinidamente. Muito hábil no serviço de informações politicas, era altamente considerado pelos seus superiores. Mas o seu destino atraia-o, a ambição impeliava para missões mais importantes. Abandonou por isso o Exército e lançou-se no Partido.

A partir de então a sua história está intimamente ligada à do Partido Operário Alemão, que após numerosas transformações se converteu no Partido Nacional-Socialista. Os alemães chamaram à evolução deste Partido a «marcha triunfal».

Em 24 de Fevereiro Hitler lia perante um auditorio de mais de 2000 pessoas, o programa do Partido que redigira em colaboração com Drexler e Gottfried Feder. Ninguém lhe prestou grande atenção. A reunião decorreu no meio de grande tumulto e ninguém pensou talvez que um factor novo contava na cena da politica alemã e ia revolucionar os destinos do Reich.

Mas este insuccesso parcial não desanimou Hitler. Lançou-se na propaganda com um ardor crescente. Trabalhava na verdade em bom terreno. O povo alemão sentia a nostalgia da obediência e ansiava por se submeter a um chefe. Por outro lado a Reichswehr apoiava-o, via nele um condutor que, mantendo os privilégios da classe militar, saberia tornar doces as massas populares.

Assim Hitler ganhava prestígio de dia para dia, e com elle o novo Partido.

Finalmente, com a morte de Hindenburg, Hitler assumiu a suprema magistratura do Reich, criando para si a designação de «Reichsführer».

Tal é, a traços largos, a extraordinária carreira do homem que hoje preside aos destinos da Alemanha e a cuja palavra enérgica e eloquente alguns milhões de alemães obedecem.



O "raio da morte,, existe?

centos de metros. Acrescenta que a morte assim produzida é suave, quasi agradável. A vítima começa por sentir um calor confortante e a seguir perde o conhecimento.

Diz-se que Marconi estudou também esta questão e está prestes a dotar o seu país com essa terrível arma. As ondas radio-eléctricas ultra-curtas seriam o meio de que se serviria. Conta-se que muitos automóveis pararam certa vez, sem razão aparente, na estrada que vai de Roma a Ostia, e só passada meia hora puderam ser postos novamente em marcha. Marconi realizava nesse momento experiências no forte de Boccea na presença de Mussolini.

A esquerda: Arquimedes, o genial grego que incendiou a distância os navios romanos. Em baixo: Dois sábios que dizem ter inventado um raio luminoso de singulares efeitos

Um comerciante austríaco que viajava de automóvel na Baviera sofreu percalço idêntico. Outro carro que vinha atrás dele parou também. Um polícia a quem se dirigiram, consultou o relógio, sorriu misteriosamente e aconselhou os a esperar alguns minutos. De facto, momentos depois os dois automóveis podiam novamente andar.

Dois inventores, um francês e outro alemão, construíram uma espécie de pistola que lança raios luminosos de tal modo intensos que cegam durante algum tempo. Um aviador que defronte esses raios perde o governo do seu aparelho.

Finalmente, o professor Nikola Tesla anuncia ter descoberto um raio que tornará inextinguível qualquer país. Desde que as fronteiras fossem guarnecidas com projectores desse género o mais poderoso Exército seria impotente para as atravessar. Os aviões abster-se-iam em chamas e os soldados tombariam fulminados.

O professor Tesla tem o propósito utópico de pôr o seu invento à disposição da Sociedade das Nações e assinala que ele tem um carácter exclusivamente defensivo, pois o seu emprêgo requiere importantes centrais produtoras de energia que não poderiam deslocar-se em campanha.

Digamos ainda que recentemente os sábios descobriram que certas vibrações sonoras matam seres microscópicos, como as bactérias, e até mesmo animais, como a rã e alguns peixes pequenos.

Não é fácil destrinçar em tudo isto a realidade da fantasia. Mas é bem possível que uma guerra futura nos traga neste sentido sensacionais e terríveis surpresas.

Nada se opõe portanto a que o «raio da morte» exista e o seu segredo esteja já na posse dos alto-comandos dum ou mais países. Melhor será para tranquilidade e paz dos povos que esta terrível questão não seja tão depressa esclarecida.

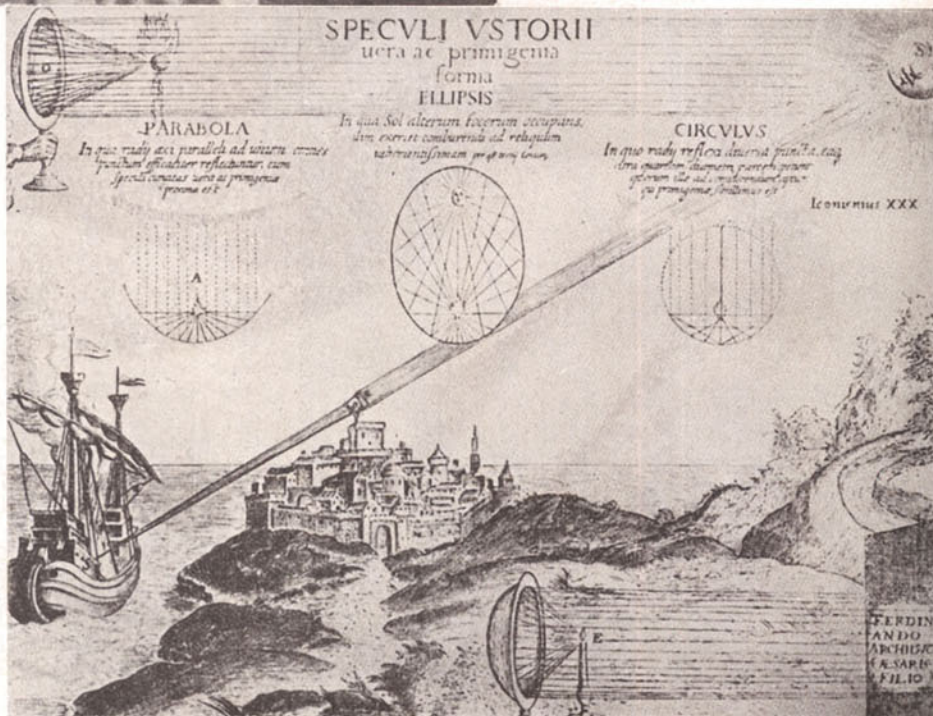
NESTE tempo em que a ameaça de novas guerras paira imamente sobre o mundo, fala-se com frequência no «raio da morte». Existe na realidade essa arma terrível que permitiria destruir a distância os organismos vivos a interromper a marcha dos aviões?

O número de sábios que pretendem estar de posse dessa descoberta é já considerável. A ideia do resto é antiga. Arquimedes não fez mais do que realizá-la sob uma forma simplista quando, segundo reza a tradição, incendiou a distância os barcos romanos que sitiavam Troia, fazendo convergir sobre eles os raios solares.

A face da ciência também a existência de radiações capazes de aniquilar a vida não se afigura impossível. Conhecem-se já hoje radiações susceptíveis de o fazer, como sejam os raios «gama», cujo poder de penetração é enorme e que destroem as células vivas. Mas o campo de acção destes raios é de alguns centímetros apenas e não são portanto susceptíveis de sair do laboratório para a prática.

Entre os que pretendem ter descoberto o «raio da morte» têm a maior celebridade Grundell-Matthews. Este sábio inglês vive no cume dum monte na Gales do Sul, rodeado de vedações de arame farpado. As autoridades militares britânicas acompanham os seus trabalhos com o maior interesse, tanto mais que se trata de um inventor de reconhecida competência. Grundell-Matthews afirma ter construído um aparelho que mata um rato vinte metros de distância.

Outro inventor é Chadfield do Leicester College of Science and Technology. Segundo a sua teoria, todos os impulsos nervosos dos seres vivos são de natureza eléctrica. Os raios duma frequência diferente podem por isso provocar a morte. Pretende que com o aparelho por ele inventado pode matar uma pessoa a alguns



Um desenho do Athanasio Kircher, datado de 1671, sobre o incêndio dos barcos romanos provocado por Arquimedes

Duas notáveis conferências do presidente da Academia das Ciências

realizadas em Madrid

As duas conferências realizadas, há dias, pelo eminente escritor Dr. Júlio Dantas na sala nobre da Academia Espanhola marcaram um acontecimento inolvidável e absolutamente proveitoso, tanto para os espanhóis como para os portugueses.

Na sua magnífica lição o erudito presidente da Academia das Ciências frisou bem que a história e a cultura portuguesa têm uma tão íntima ligação, uma tal relação comum com a história e a cultura espanhola que os dois povos são impelidos para ideais e destinos idênticos.

O venerando Presidente da República Espanhola, ao presidir às duas conferências, manifestou eloquentemente o alto apreço e subida consideração em que tem o Dr. Júlio Dantas. Em breves palavras, Alcalá Zamora fez o caloroso elogio do conferente, salientando que essa apresentação poderia ser feita por um membro do Governo ou por qualquer dos académicos presentes, pois todos tinham méritos para isso, mas que, para êle, era uma honra fazer pessoalmente a apresentação do Dr. Júlio Dantas, sábio que muito admirava, e escutar o idioma dum país que tem grandeza própria. Disse ainda que os idiomas português e espanhol representavam duas literaturas perduráveis, duas soberanias absolutas.

E, declarando aberta a sessão, o Presidente da República Espanhola deu a palavra ao Dr. Júlio Dantas com esta amistosíssima recomendação:

— "Estais em vossa casa!"

O ilustre conferente, tomando por tema "O pacifismo contemporâneo e a comédia grega", começou por descrever a largos traços, a obra contemporânea de organização mundial da Paz, desde 24 de Agosto de 1898, data da mensagem do conde de Mouravieff às chancelarias europeias, em que se proco-niza o sistema de solução pacífica dos litígios internacionais pela arbitragem, até o actual movimento de solidariedade internacional determinado pelo conflito italo-abexim, movimento que revelou a formação, no organismo de Genebra, de uma forte consciência jurídica e política.

Desenvolveu, a seguir, a formidável ramificação dessa obra pacifista dos nossos dias que compreende a fundação do Tribunal da Haia, a constituição do novo di-

reito das gentes, nas treze convenções da Haia, de 1907; o programa idealistade Wilson, cujos catorze pontos inspiraram as condições da Paz; o tratado de Versalhes, de 28 de Junho de 1919, que, reconhecendo a existência da comunidade internacional e, dando-lhe base jurídica, criou a Sociedade das Nações, e outros organismos de acção profícua.

E, citando as obras de alguns precursores insignes que, desde a Idade Média, procuraram lançar os alicerces do maravilhoso edifício da Paz, o eminente conferente lembrou que de todo êsse deslumbrante movimento pacifista, surgiu Napoleão.

A última parte da sua conferência reservou-a o dr. Júlio Dantas aos poetas precursores da obra actual de segurança colectiva, desde o "pacifismo dionisíaco" de Aristóphanes ao "romantismo pacifista" de Hugo.

O eminente escritor, ao terminar a sua erudita lição, foi muito ovacionado por tôdas as altas personalidades presentes, e felicitado calorosamente pelo Presidente da República Espanhola.

Na sua segunda conferência, ainda presidida por Alcalá Zamora, o dr. Júlio Dantas tratou da obra de Gil Vicente, reconhecendo que o teatro vicentino pertence também à Espanha, porque dez das suas obras são escritas em castelhano e quinze são bilingues. Acentuou, no entanto, que o interesse desse teatro não é apenas peninsular mas europeu, pois nêle se reflectem, com vivo colorido satírico e com imprevisita audácia, os aspectos do problema religioso do século XVI. Salientou que através da obra de Gil Vicente



Dr. Júlio Dantas

pode estudar-se, na sua marcha, parte do movimento da Reforma.

O brilhante conferente expôs, ponto por ponto, toda a obra vicentina, concluindo com estas palavras:

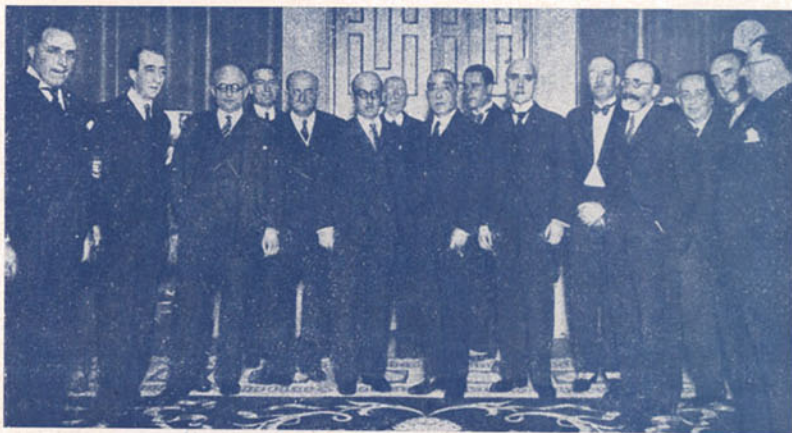
"No seu reformismo moderado, que de modo nenhum excluiu a fé e o respeito pelas doutrinas e pela instituição da Igreja católica, Gil Vicente encontra-se perto de Erasmo — e longe de Lutero. A dogmática de algumas das suas obras — por exemplo, o *Auto da Alma*, — é perfeitamente ortodoxo; as suas preces à Virgem "donzela doirada", "humana e divina rosa", atingem expressões da mais pura espiritualidade cristã. Gil Vicente, bom católico, acompanhou a Reforma no domínio da disciplina. Não foi inimigo da Igreja — mas somente dos homens que, sendo seus ministros, a serviram mal."

Esta brilhantíssima dissertação foi alvo duma ovação calorosa e prolongada.

No Ministério dos Negócios Estrangeiros foi oferecido um banquete de homenagem ao ilustre conferente, além de muitas outras provas da mais alta consideração e simpatia.

Feita assim, palidamente, a reportagem da visita do eminente académico português a Madrid, todos os bons portugueses devem sentir um grande orgulho ante o extraordinário êxito obtido pelo dr. Júlio Dantas entre as mais celebradas individualidades que constituem o valor mental do país visinho.

As duas conferencias do dr. Júlio Dantas — salientamo-lo mais uma vez — foram mais oportunas e proficuas do que tudo o que possa imaginar-se.



Assistência ao banquete oferecido ao dr. Júlio Dantas no ministério dos Negócios Estrangeiros em Madrid



O general Prim Como se isso fôsse possível!

Na Península hispânica, da luta com os árabes, brotaram diferentes reinos, sendo os principais Navarra, Aragão, Leão, Castela e Portugal. A pouco e pouco, foram definindo aquelas nacionalidades incipientes que Castela absorvia com uma habilidade pasmosa. Portugal resistiu sempre.

Houve já quem preguntasse se no século XII existiria motivo sério para que Portugal se unisse a Castela. Sim, é possível que, apesar da repugnância que logo de princípio os portugueses mostraram por qualquer acto que lhes deixasse sucumbir a sua nacionalidade nascente, se desse pacificamente a

FAZ agora anos que o general Prim foi assassinado em Madrid à saída do Congresso dos Deputados que aclamara rei de Espanha o príncipe Amadeu de Saboia.

Espanha estava na fase aflitiva das rãs da fábula: pedia um rei, viesse êle donde viesse. Prim, tomando a peito o encargo de arranjar um monarca, fôsse onde fôsse, pensou no príncipe Leopoldo de Hohenzollern, espôso da infanta D. Antónia de Bragança. Tudo levava a crêr que daria um rei às direitas, visto ser apoiado pela boa vontade de Guilherme I da Prússia.

Napoléon III, que sempre gostou de ser metido e achado nestas escôlhas de príncipes, mesmo que tivessem o desfecho tragico do reinado de Maximiliano do México, não levou a bem a impertinência de Prim, gerando-se a faúlha que havia de atear o grande incêndio da guerra franco-prussiana.

Entretanto, o nosso general Saldanha, acalentando uns tentadores iberismos que ouvira trautear em Paris ao general Mina, indicou ao Prim um rei na devida conta — D. Fernando, viuvo de D. Maria II. Tendo reinado em Portugal por duas vezes na qualidade de regente, tinha já uma certa prática que não era para desprezar. Encontrava-se casado morganaticamente com a condessa de Edla, mas isso não tinha a menor importância. Se Prim o aproveitasse, não se havia de arrender. Além disso, havia ainda o sonho ibérico...



Prim arengando ao povo de Barcelona

união das duas corôas, a pretexto dum casamento ou duma herança.

Dois séculos depois, embora não deixasse de haver luta, a unidade ibérica talvez se conseguisse sem grande resistência.

Se o nosso D. Fernando sai victorioso das guerras que sustentou para colher a herança de Pedro o Cruel, de Castela, as duas corôas ficariam unidas. Se D. João I de lá, após a morte de D. Fernando de cá, procedesse com mais habilidade, quem sabe se o iberismo seria um facto. Devemos ter em conta, ainda assim — é o próprio Fernão Lopes que o diz na sua

O SONHO IBÉRICO

Como morreu o general Prim

Aventuras extraordinárias de um buscador de reis

“Crónica de D. João I.” — que a repugnância entre nós era tamanha que o rei de Castela chegou, de puro despeito, a conceber a ideia de abdicar a corôa castelhana para que os portugueses não tivessem dificuldade em o aceitar por monarca.

No século XV ainda ouve um instante em que se pôde julgar que a Espanha se formaria, tendo por núcleo Portugal e Castela, em vez de Castela e Aragão. Se a batalha de Toro tivesse resultado diferente, talvez o sonho ibérico se realizasse. Era difficil, era quasi impossivel. Entre as duas pátrias levantava-se Aljubarrota. Mas, se pensarmos bem, também entre Castela e Aragão existiam ódios tremen-

dos, e, no entanto, a união effectuou-se.

Ora, o último ensejo perdéra-se, apesar das illusões de Saldanha. A nacionalidade portuguesa, robustecendo-se, afirmava-se cada vez com maior energia perante a Europa, perante o mundo inteiro. A raça portugueza tinha tomado já o seu lugar definitivo no Congresso Universal.

Entretanto, o general Prim aceitara o alvitre de Saldanha, convidando o rei D. Fernando a aceitar a corôa de Espanha.

Ao viuvo de D. Maria II não desagradava uma tal honra. Chegou mesmo a perguntar qual seria a situação da sua

espôsa morganática, a Condessa de Edla. Responderam-lhe que teria as honras condignas em familia, mas não poderia tomar parte em qualquer cerimonia pública.

A fidalga Espanha não se curvava a dar honras de majestade a uma antiga cantora do Theatro de S. Carlos.

D. Fernando, ferido no seu orgulho, rugiu:

— “Jámais as corôas de Portugal e Espanha poderão reunir-se na mesma cabeça!”

Pensou-se então no príncipe D. Carlos, filho de D. Luís e futuro rei de Portugal, mas esta ideia foi logo posta de parte. Os iberistas perdiam o seu tempo com miragens enganadoras. Bons visinhos, bons amigos, mas nada de misturas nem intromissões.

Prim não desanimava, apesar de tudo. Prometera um rei à Espanha e havia de ir desencantá-lo a qualquer parte.

Aos manejos republicanos objectava com firmeza: “Não haverá República enquanto eu viver. E’ esta a minha última palavra!” Deu conhecimento ao Congresso de que tinha conseguido encontrar um rei em boas condições — Amadeu de Saboia, duque de Aosta — que passaria a chamar-se Amadeu I de Espanha, e que já vinha a caminho de Madrid.

Todos o acataram, embora com desconfiança. Mas o general Prim, tendo os títulos de conde de Reus, visconde del Bruschi e marquês de Castillejos, era, acima de tudo, o habil diplomata da intervenção espanhola no México. Sendo-lhe confiado o comando do exercito que Espanha enviara con-



Assassinio do general Prim

tra o presidente Juárez, soube compreender a tempo a manobra encoberta da França naquêle assunto. Retirou-se, secundado pelo chefe da expedição inglesa, deixando à França a responsabilidade inteira daquela aventura.

Apoiado na popularidade que as suas façanhas militares lhe tinham conquistado, conseguiu o prestigio político que a sua ambição sonhava. A tal ponto acentuou as suas ideias progressistas que o seu nome era sempre tomado como um símbolo em todos os movimentos populares que, de quando em quando, faziam estremecer o governo dos conservadores.

No Senado, o general Prim pronunciou um formidável discurso contra o governo de Narvaéz em consequência dos sangrentos acontecimentos de 10 de Abril de 1865, em Madrid.

Rugiu ainda quando tiraram a Castelar a sua cátedra de História, e quando destituiram o reitor Montalbán que não acatará as ordens dum ministro. As conjuras succederam-se sob a direcção de Prim. Tramou duas em Valencia e uma em Navarra, atravessando os Pireneus disfarçado em aldeão. Sempre animoso e preservante, fomentou a revolta de Villarejo de Salvanés. Como lhe tivessem faltado muitos dos comprometidos no movimento, e acossado pelas tropas do governo, internou-se em Portugal no dia 20 de Janeiro de 1866.

Pouco depois, preparou a sublevação de 22 de Junho em Madrid que também foi vencida, o mesmo succedendo com o movimento projectado na Catalunha e em Aragão. Finalmente, o general Serrano e o almirante Topete promoveram o levantamento nacional de 17 de Se-

tembro de 1868 na baía de Cádiz, que teve como resultado, após a victoria de Alcolea, o destronamento de Isabel II, mãe do futuro Afonso XII.

No governo provisório, então constituido, Prim sobraçou a pasta da guerra, e, quando Serrano foi eleito, regente, recebeu o encargo de formar o novo governo.

Ora, perante um homem desta tèmpera nada havia a objectar. Como êle afirmara, o novo rei Amadeu vinha já a caminho de Espanha.

Quando o general Prim, saíndo do Congresso, se dispunha a seguir para Cartagena a receber o novo soberano, subiu para a carruagem da presidência, imponente como um triunfador.

Nevava. Cerca da “calle” del Turco vários embuçados rodaram o côche e, quando êste desembocava na “calle” de Alcalá, dispararam os seus trabucos contra o general.

Apesar de parecerem, a principio, ligeiros os ferimentos, o irrequieto Prim succumbiu três dias depois, quando o novo rei Amadeu pisava já terra espanhola.

Atribuem ao moribundo estas palavras: “Salvei a liberdade... Mórro... Canalhas!”



Prim — quadro de Henri Regnault



o desastre, embora lhe faltassem as condições essenciais da esperteza. Tendo reconhecido a tempo o perigo que o ameaçava em Portugal, confiou em demasia nos seus agentes.

O 8.º duque de Bragança que os portugueses pretendiam aclamar seu rei não passava de um pobre diabo inofensivo, sem iniciativa nem força de vontade, todo entregue a um comodismo inflado de futilidades e prazeres fáceis. O seu casamento com D. Luiza de Gusmão, filha do duque de Medina Sidónia, não o fizera mudar de vida. Ocupava todo o seu tempo em passeatas com cantores célebres, em representações de comédias e organizações de orquestras, em caçadas e outros divertimentos idênticos. Não era, portanto, um inimigo de temer. Com efeito, embora se boque-

Felipe IV

O dia 1.º de Dezembro de 1640 ha de constituir sempre para os portugueses uma data festiva, gloriosa, imorredora.

Após sessenta anos de cativo, a alma patriótica do povo português vibrou mais uma vez, emancipando-se como sempre.

E foi tão sentida a perda de Portugal em Castela que logo o povo espanhol começou a afirmar que todas as desgraças do seu soberano eram provocadas pelo seu ministro conde-duque de Olivares, pois para esse fim tinha pacto com o diabo. Assim explicava a perda de Portugal e Brasil, da Flandres e do Russilhão, a ruína da supremacia militar e da própria fazenda nacional.

São curiosas todas as histórias de monarcas enfeitados, ou tidos como tais, mas nenhuma atingiu as proporções da que se refere à privança do Olivares que durou uns largos e alfitivos vinte e dois anos. Pode dizer-se que a derrota do famoso ministro de Felipe IV foi provocada pela Restauração de Portugal. Quando em Janeiro de 1643 se deu a queda do favorito, houve quem afixasse na porta do palácio real de Madrid a seguinte quadra:

*El día de San Antonio
se hicieron milagros dos,
pues empezó á reinar Dios
y del rey se echó al demonio.*

Por aqui se avalia a simpatia de que o miserável disfrutava entre o seu povo.

E, no entanto, o conde-duque de Olivares fez tudo quanto soube para evitar

jasse que o duque de Bragança deveria ser o futuro rei de Portugal, o indigitado não alentava qualquer esperança, pois não o fadara Deus para mártir numa causa nobre e justa. Em seu entender, os tempos não iam para se meter em aventuras perigosas que apenas poderiam ter um fim desgraçado. Não lhe agradava nada ser espostejado como o miser Pasteleiro de Madrigal, réu de crime semelhante. Não seria provável que os julgadores castelhanos, ao embrulhá-lo numa tal culpa, tivessem em consideração a sua alta estirpe. Por isso, o duque D. João encollhia-se no seu cantinho, dando-se por satisfeito com a vida deliciosa que el-rei Felipe IV lhe concedia com a maior generosidade.

Que lhe importava que o país sofresse sob as garras dos opressores, se o seu ducado era cheio de confortos? A não ter surgido a desgraça de Alcacer-Quibir, D. Sebastião deixaria descendentes, e ele, duque de Bragança, não poderia alentar ambições de majestade. Se o próprio Prior do Crato tivesse triunfado do duque de Alba, não teria sucedido o mesmo? Deixassem-no viver, portanto, entre as suas comodidades.

Compreende-se perfeitamente que se o conde-duque de Olivares houvesse usado de esperteza não lhe seria difícil inutilizar este pretendente no qual a nobreza de Portugal depunha as suas melhores esperanças. Não o soube atrair, e daí todo o fracasso da obra empreendida nesse sentido.

Quando se avolumou o boato das pro-

UMA DATA GLORIOSA A Restauração de Portugal e as indecisões do duque de Bragança

habilidades do duque de Bragança, o ministro de Felipe IV nomeou o governador militar de Milão. Os fidalgos portugueses, percebendo o ardid, aconselharam D. João a esquivar-se com o pretexto de nada conhecer dos negócios de Itália. O Olivares decidiu então nomeá-lo governador de armas de Portugal. Desta maneira, o tão falado pretendente à coroa portuguesa ficaria comprometido na causa espanhola. O duque, não compreendendo o alcance duma tal nomeação, aceitou-a com uma ingenuidade irritante. Continuaria na sua Vila Viçosa com todas as honras, embora ao serviço de Castela que, longe de o perseguir, o protegeria. Lindo sonho para um comodista! Que lhe importariam as aflições dos patriotas, se a sua vida não corria risco? Ah! mas no fundo da sua alma — bem lá no fundo — como ele desejaria ser rei de Portugal! Ainda assim, aceitou a nomeação de Madrid. Foi nessa altura que os nobres lhe fizeram sentir o perigo a que se expunha, e o forçaram a recolher-se apressadamente ao palácio de Vila Viçosa, onde aguardaria os acontecimentos.

Pouco depois, chegou a Lisboa uma nova ordem de Madrid, chamando a nobreza de Portugal para a guerra da Catalunha. Nessa leva de nobres senhores estava incluído, como se calcula, o tímido duque.

Chegará, finalmente, o momento decisivo. Ante a indecisão do Bragança, os conjurados fizeram-lhe sentir que se não obedecesse à ordem de Castela seria considerado culpado, mas, se partisse, perderia para sempre a esperança do trono, podendo mesmo ir acabar os seus dias num cárcere.

Quando em 1637 reberaram as alterações de ordem em Evora, alguns fidalgos tinham pensado no duque. Este recusara com o atroz receio de ser decapitado. Agora o caso mudava de figura. Ante a perspectiva de ser arrebanhada para a Catalunha a fina flor da gente portuguesa mais aguerriada, era forçoso marcar uma atitude. Se o assustadico duque não aceitasse a coroa que por direito de nascimento lhe competia, então seria proclamado a República, ficando banidos todos os privilégios da casa de Bragança. Foi encarregado de transmitir esta deliberação ao duque o conjurado Pedro Mendonça Furtado que logo se dirigiu a Vila Viçosa.

Como sempre, D. João andava pela mata entretido numa caçada. Hesitou mais uma vez. Se uma tal vida lhe era garantida pelo governo de Castela, para que se ia meter numa aventura que poderia custar-lhe os horrores do cativo ou o cadafalso. Foi neste momento — diz a tradição — que a esposa do tímido

príncipe o afoitou com a sua famosa frase: "Mais vale ser rainha uma hora que duquesa tódá a vida!"

Finalmente, D. João decidiu-se, embora contrafeito, e deu uma resposta afirmativa.

Na madrugada do dia 1.º de Dezembro rebentou a revolução. A turba multa correu ao Terreiro do Paço, soltando hinos à libertação de Portugal. Encontrando-se com o corregedor Francisco Soares de Albergaria, bradou-lhe: "Viva el-rei D. João IV!" ao que ele respondeu com intrépida imprudência: "Viva el-rei D. Felipe!" e por isso caiu logo varado por duas balas. Esta morte, que não havia sido prevista nos planos da conjura, poderia originar grandes calamidades, inflamando o ânimo excitado dos fidalgos. O oficial-mór da secretaria de Estado, António Correia, que tinha acudido à barulheira, foi logo apunhalado por D. António Telo.

Entretanto, Miguel de Vasconcelos, que se encontrava deitado no seu leito, mal tivera tempo de se vestir. Compreendendo o perigo que o ameaçava correu a porta do quarto e fechou-a por dentro. Era muito tarde. Os revoltosos arrombaram já as portas do palácio e enchiam os corredores em louco tropel. Ao vê-se perdido, o traidor pegou numa clavina e pncerrou-se num armário. Ali, reprimindo a respiração e com a fronte ajofrada pelo suor da angústia, sentiu a porta ceder e entrarem no quarto os seus perseguidores. Esteve por

A prisão de Miguel de Vasconcelos



um fio a sua salvação porque os conjurados, não o encontrando, iam procurá-lo à Casa da Índia. Nisto, uma velhota, que ali fazia serviço, ao dar explicações aos revolucionários, choramingava: "Eu cá não sei onde está o senhor D. Miguel de Vasconcelos... Juro que não sei para onde ele fugiu..." e, ao mesmo tempo, apontava para o armário em que o miserável se escondera.

Em boa verdade, a velhota não procedeu bem atraçando aquele que lhe dava o pão. Mas, se tomarmos em conta que se tratava dum traidor de tal estófo, verificamos apenas que a criada de Miguel de Vasconcelos lhe aplicou a tantas vezes justificada pena de Talião. Os conjurados correram ao armário e, arrancando dali esse português degenerado, abateram-no a tiro. Depois entregaram-no aos criados que o atiraram para a rua. A multidão que enchia o Terreiro do Paço, ao ver cair o cadáver do seu opressor, soltou um rugido de triunfo, e não houve insulto, não houve mutilação que não fizesse sofrer a esses miseráveis despojos humanos.

Portugal estava livre dos usurpadores felipinos!

Em face disto, o tímido duque de Bragança decidiu-se a vir a Lisboa, onde só chegou no dia 6, celebrando-se, pouco depois, a cerimónia da coroação, e começando a reinar com o nome de D. João IV.

Não estava ainda seguro do papel que tão contrariadamente aceitara para evitar um perigo maior. A seu lado mantinha-se a esposa que lhe insuflara coragem no mais alfitivo momento, e era de olhos postos nas indicações imperiosas dessa espanhola que o Bragança se afoitava a conspirar contra os espanhóis.

Grande favor devem os portugueses a D. Luiza de Gusmão.

Se o gesto de D. Felipa de Vilhena foi nobilíssimo ao oferecer os próprios filhos à redenção da Pátria, a atitude da mulher



D. João IV

de D. João IV resultou mais profícua e deu mais belos frutos.

Não devemos esquecer ainda que foi a revolta da Catalunha a causa principal do êxito da conjura engenhosamente urdida pelos quarenta fidalgos portugueses que os militares, os burgueses, os letrados e até os sacerdotes apoiaram com o mais entusiástico delírio.

Tudo isto devemos ter sempre bem presente.

Mas, evocando ainda essa data gloriosa, o senhor D. João IV dignou-se entrar como soberano em Lisboa.

Organizado o novo governo, tratou-se de obter o reconhecimento da Independência de Portugal pelas potências estrangeiras e de preparar as forças para a luta com Castela que não deixaria de tentar reconquistar o reino que tão inesperadamente perdera. Os primeiros anos de campanha decorreram em simples escaramuças. Em 1644 Matias de Albuquerque ganhou a grande vitória de Montijo. No Brasil, os holandeses, depois de serem forçados a abandonar o Maranhão, e de terem sofrido as derrotas de Tabocas e Gararapes, não tiveram outro remédio senão abandonar para sempre as formosas terras de Santa Cruz. Por sua vez, Salvador Correia retomava Angola aos holandeses que, pelo visto, estavam organizando um império à nossa custa.

No seu isolamento, Felipe IV tomava o título de "Grande", o que originou o famoso dito dum cortejado espanhol: "O nosso soberano é como um poço: aumenta à medida que lhe vão tirando a terra.."

Os colaboradores de Charlot

e a propensão do genial cômico para perder os óculos

NENHUM produtor cinematográfico tem um pessoal mais dedicado que Charlie Chaplin. Os despedimentos são raros no seu estúdio. Reeves, o administrador do estúdio trabalha com Charlot há mais de trinta anos; o operador, o chefe de carpinteiros, a contra-regra têm todos mais de vinte anos de casa.

E contudo, Charlot não é um patrão condescendente. O seu temperamento inquieto, a sua permanente insatisfação os seus nervos irriáveis exigem prodígios de paciência e compreensão da parte dos que lidam com ele.

No verão passado, por exemplo, quando filmava cenas do seu último filme num ponto isolado da Califórnia, Charlot pediu subitamente uma rã. Era aquele o último lugar Mundo onde alguém se lembraria de ir procurar uma rã, mas a cena a filmar exigia-a e a rã tinha de aparecer. Sete minutos depois Charlot tinha uma rã, arranjada ninguém sabe como.

Quando se filmava a última cena da fábrica em «Modern Times», Charlot declarou que desejava ver entrar mais um polícia na cena. Eram três horas da madrugada em ponto. As três horas, oito minutos e meio, um figurante vestido de polícia apresentava-se ao célebre cômico para ser examinado e entrar em seguida na cena.

Charlot confessa que não faz a menor ideia de como estes milagres se fazem, nem com isso se preocupa.

Há uma coisa, porém, que os colaboradores de Charlot não podem remediar: é a sua extraordinária propensão para perder os óculos de que se serve para ler. Encomendam-nos às duzias

nem assim chegam. Charlot perde-os ou parte-os todos, numa média de dois ou três pares por dia.

Vai filmar-se em Viena, com Lil Dagover no principal papel, uma nova versão da célebre obra de Oscar Wilde «O leque de Lady Windermere». Como é muito natural que o



Em cima: Bobby Leroy com uma estante cheia de livros

voz, alta para se distraírem, o célebre romance de Swift. Um deles adormece por fim e o sonho transporta-o ao país de Lilliput, um meio irreal povoado pelos bonecos animados.

Entram no filme cerca de 60.000 bonecos e objectos diversos a que a prodigiosa paciência de Ptouchko e Krasny imprime vida e movimento. Apresentada na Bienal de Veneza esta produção obteve êxito e foi premiada.

Fritz Lang está na América e o primeiro filme que vai produzir nesse país aborda um tema de alto interesse dramático — as linchagens. Todo o Mundo conhece esses trágicos episódios da fúria cega da população que atinge nos Estados Unidos particular gravidade, em face sobretudo do ódio de raças.

O protagonista deste filme de Fritz Lang será Spencer Tracy e o título designado é «Mob Rule» (A lei das multidões).

Bela Lugosi que se especializou no género de filmes de horror está resolvido a tentar por sua conta a produção dos seus futuros trabalhos. Por isso, logo que termine «O raio invisível» que está a filmar para a «Universal», dedicar-se-á à filmagem de «Cagliostro», película inspirada na obra de Dumas, de que será simultaneamente, protagonista e produtor.

Clark Gable e Jeanette Mac Donald vão aparecer juntos nas telas do cinema pela primeira vez no filme «São Francisco», de cuja adaptação ao cinema se ocupa a célebre escritora Anita Loos.



Bobby Leroy é um entusiasta por estampas

leitor ainda se recorde, esta obra consagrou definitivamente no tempo do cinema silencioso o realizador Ernst Lubitsch.

O «Novo Gúliwer» é o título dum filme que mereceu aos americanos a qualificação do «mais original do Mundo». A maior parte das suas cenas são interpretadas pelas «marionetes» do grande artista russo Ptouchko, manejadas por F. Krasny.

O filme começa por nos pôr em presença dum grupo de jovens sentados num rochedo à beira mar que ouvem ler em

Jackie Cooper prefere o cinema de amador

Exposição de Rádio e Electricidade

A VI Exposição de Rádio e Electricidade realizada no Palácio Municipal do Parque Eduardo VII e inaugurada pelo sr. Presidente da República, proporcionou aos seus numerosos assistentes os mais recentes progressos na T. S. F. largamente representada pelas firmas da especialidade que se apresentaram na sua quasi totalidade em stands artisticamente dispostos

A cuidada decoração dos salões e sobretudo a sua feérica iluminação contribuíram eficazmente para o excepcional brilhantismo que caracterizou esta Exposição, servindo ainda de estímulo para os futuros certames, no interesse não só dos comerciantes como do público que tem sabido corresponder aos esforços que representa a execução desta iniciativa.

Tendo a Comissão Organizadora da VI Exposição de Rádio e Electricidade convidado as Companhias Reunidas de Gaz e Electricidade para fazerem parte da mesma, entendeu a Direcção aceitar, tomando a seu cargo a direcção técnica de toda a iluminação que decora a sala principal do Palácio de Exposições e a iluminação da fachada, assim como a respectiva montagem.

A participação destas Companhias na Exposição poder-se-ia limitar à apresentação dum simples Stand, mas querendo mostrar, mais uma vez, ao grande público, as numerosas aplicações da electricidade, escolheu a que mais directa-

mente poderia chamar a sua atenção: a luz.

Tivemos, portanto, nesta Exposição, por um lado uma distribuição racional da luz, por outro a

O curioso stand da Companhia do Gaz com a sua completa coleção de artigos de iluminação e aquecimento, da maior utilidade doméstica



O sr. Presidente da Republica examinando os aparelhos «Ponto Azul» e ouvindo as explicações que lhe são dadas pelo respectivo representante

luz utilizada como elemento decorativo.

Não se encontrarão, talvez, grandes novidades em matéria de iluminação, mas devemos fazer notar o facto de se ter procurado harmonizar a decoração e a luz por meio de

A' ESQUERDA: — Um aspecto da Exposição. EM BAIXO: — O chefe do Estado durante a sua visita

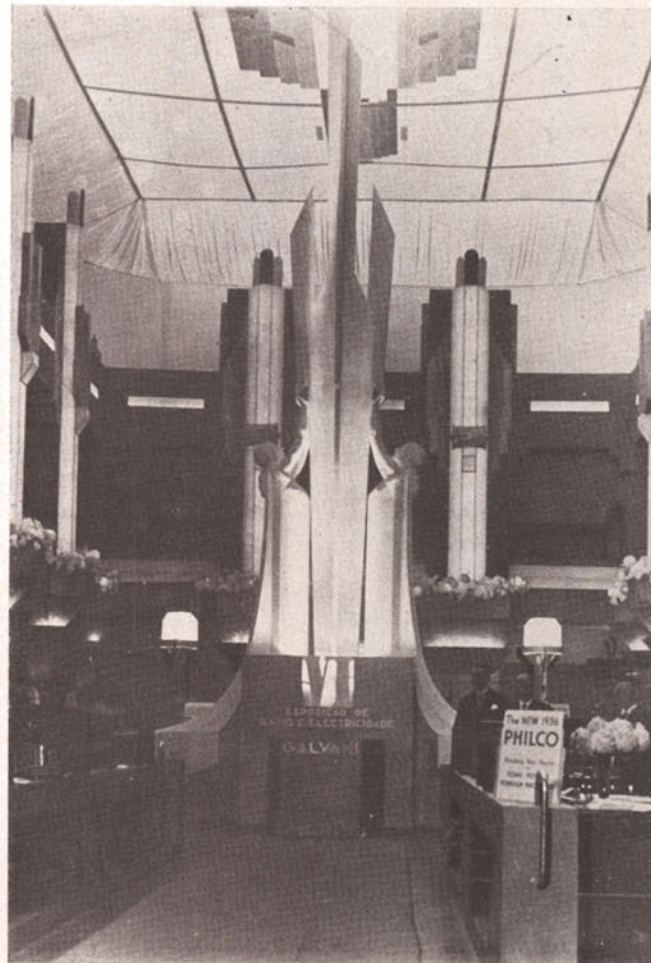
uma colaboração íntima entre o artista decorador e o engenheiro especializado, tanto quanto os meios financeiros da Comissão Organizadora o permitiram.

E' uma Exposição, não é uma instalação definitiva, e no entanto quantas remodelações e mesmo construções de casas particulares, públicas, etc., não se fazem sem haver a mais pequena colaboração entre o engenheiro e o architecto.

Infelizmente e em geral, faz-se a casa e depois, quando tudo está acabado e pronto, pensa-se na instalação electrica e na luz, e então é demasiado tarde para se fazer qualquer ligeira modificação sem prejuizo de alterar as linhas gerais da architectura ou da decoração.

Estudou o artista a decoração geral pensando na luz, não fez o seu ante-projecto sem ouvir o engenheiro e de várias trocas de impressões em conjunto saíu o projecto definitivo, que ambos acompanharam na sua realização.

Se esta Exposição tivesse o condão de lembrar a todos aqueles a quem o assunto interessa este pequeno detalhe, mas duma importância basilar, pode-se dizer que na parte electrica que ela representa tinha conseguido um triunfo.



A vida desportiva portuguesa, cuja actividade prossegue na habitual monotonia das provas oficiais, ano a ano idênticas e sem assunto para comentário que possa interessar em crónica como esta nossa, agita-se de vez em quando em convulsões internas, caracteristicamente sintomáticas dos vícios de educação do meio.

Incidentes nos campos de jogo, conflitos nos gabinetes dirigentes, manifestações de sectarismo no público, tais são os testemunhos lamentáveis duma autêntica perversão do espírito desportivo, que, sem uma oportuna e enérgica intervenção repressiva, pode levar-nos ao campo da desordem e da indisciplina absoluta, — visto que a relativa é já um facto verificado.

Mais uma vez é nas hostes do futebol que o desacordo se estabeleceu; a Associação de Lisboa e os árbitros do Colégio Regional cortaram relações, a primeira censurando a competência profissional dos segundos num ofício cuja redacção é uma tristeza, aqueles respondendo com uma greve prontamente remediada.

A entidade dirigente não teve, de facto, a mínima dificuldade em encontrar nas fileiras dos clubs filiados quem quisesse dirigir encontros a cem escudos cada hora e meia de trabalho; e, ao contrário do que poderia supôr-se, a regularidade dos jogos nada perdeu pois os novos árbitros não podem ser piores do que os antigos.

Este é, a nosso vêr, o maior embaraço para a solução do desagradável conflito: ambas as partes litigantes têm sua parcela de razão. O Colégio de Árbitros sente-se maguado com os termos da notificação associativa que é, como manifestação de tacto dirigente, uma autêntica lástima;

A direita: Mussolini inaugurou em Milão os campeonatos mundiais de tiro, que foram as últimas provas internacionais em que a Itália participou antes de votar a excomunhão das nações sancionistas. Por baixo: O trabalho de ginástica ocupa um lugar importante na educação física das raparigas polacas

mas a direcção da A. F. L. também tem bastos fundamentos para reclamar da incompetência da maioria dos juizes do jogo, quando não de coisa pior.

Arrastados na mesma vaga de indisciplina, jogadores e público demonstram nos terrenos de competição a mais desgraçada educação desportiva. Dentro da quinzena a que nos referimos, o encontro entre os mais importantes clubs da capital, aqueles que pela sua larga esfera de popularidade podiam e deviam dar os melhores exemplos de desportivismo, foi esmaltado dos mais desagradáveis incidentes e serviu de pretexto a que alguns praticantes exhibissem a sua rudimentar e incivil concepção da maneira de buscar a vitória. Pior ainda, dirigentes com responsabilidades baixaram ao campo a intervir activamente nos conflitos, e o público — certo público apenas, felizmente — deu largas a ódios e a manifestações de falta de educação que não têm lugar nos recintos onde o desporto é praticado por gente civilizada.

Sobre uns e outros, jogadores e partidários clubistas da assistência, possuem os dirigentes respectivos autoridade sufi-



A QUINZENA DESPORTIVA

ciente para os chamar à boa ordem; esperemos que assim façam, pois em caso contrário será indispensável apelar para uma intervenção superior do Estado que reintegre o desporto na sua missão educativa e o alheie duma orientação que se vai tornando perigosa para a mocidade portuguesa.

O desenvolvimento desportivo na Polónia, nos dezasseis anos decorridos desde a sua ressurreição, traduz bem quanto pode conseguir-se pelo apoio decidido dos poderes públicos, auxiliados por uma propaganda bem orientada.

A preparação desportiva da mocidade, procurando criar nas novas gerações a saúde e o vigor necessários ao progresso físico do povo, foi lançada sobre bases seguras, aplicadas na mais larga escala e segundo uma progressão racional.

As classes de ginástica são obrigatórias nas escolas primárias e secundárias;

duos que em caso de perigo para a nação possam transformar-se em bons soldados, é talvez a principal directriz deste movimento polaco em prol da cultura física.

Tão vasta é a sua amplitude que abrange no mesmo rigor mulheres e homens. Em igualdade de direitos políticos, o país entende utilizar todos os indivíduos, sem distinção de sexo, em caso bélico; não iriam as mulheres para a frente de batalha, mas confiar-se-lhes-ia o encargo de manter a ordem e o policiamento no interior do território.

As raparigas polacas conhecem, portanto, o exercício militar e o manéjo das armas, mas preparam-se sobretudo por intermédio duma cultura física intensa, efectuando em institutos apropriados longos estágios de aplicação.

Assim se explicam os rápidos resultados alcançados em toda a população, cuja melhoria cada vez mais se acentuará graças ao critério mais racional e lógico, de fomentar o robustecimento das futuras mães, para que seus filhos nasçam nas melhores condições fisiológicas.

A guerra da Itália com a Abissínia já fez sentir reflexamente os seus efeitos lamentáveis no campo do desporto internacional.

Em sinal de protesto contra as sanções que foram aplicadas ao seu país, o Comité Olímpico Italiano proibiu que os seus subordinados tomessem parte, seja qual for a modalidade em questão, nas provas desportivas organizadas nas nações que aderiram ao pacto restritivo, ou naqueles em que tomam parte indivíduos dessas nações.

Esta resolução, absolutamente condenável e que envolve numa atmosfera de represálias uma actividade que devia ser sempre considerada como agente de paz e aproximação, trouxe como primeira consequência a falta dos atletas italianos nos campeonatos europeus de pesos, disputados em Paris e nos quais os alemães demonstraram uma esmagadora superioridade.

O mesmo vai suceder dentro em breve com os campeonatos de esgrima, e se prevê que venha a repetir-se na Volta a França em bicicleta, onde a ausência dos ciclistas italianos será um rude golpe no interesse da prova.

Ocorre, entretanto, perguntar, qual será



A ginástica ao ar livre é uma das ocupações principais nas colónias de férias da mocidade polaca

a atitude dos dirigentes fascistas no que diz respeito aos Jogos Olímpicos de Berlim; como a Alemanha não aderiu ao regime das sanções, os italianos enviarão os seus representantes; mas como, por outro lado, nas provas tomam parte delegados dos países sancionistas excomulgados, a competição é impossível! Parece-nos que o Comité Italiano livra-se de Scila para cair em Caríbides.

O "record" do mundo da hora em bicicleta, sobre pista e sem treinadores, considerado o expoente máximo da tabela de valores ciclistas acaba de ser batido pelo italiano Giuseppe Olmo, o qual percorreu no velódromo de Milão a bonita distância de 45,km 090. O precedente "record", pertença do francês Maurice Richard, estava em 44,km 777 e durava há dois anos.

A proeza de Olmo causou no mundo inteiro verdadeiro pasmo, pelo seu próprio valor e pelo inesperado com que surgiu. Sem preparação especial, sem prévia determinação, o italiano realizou a sua tentativa triunfal da maneira mais precipitada, no decurso duma semana pesada de provas; entre uma corrida na segunda-feira na pista de Roma e o circuito estradista da Volta ao Milanez, que disputou na sexta-feira, quatro dias antes de começar a prova dos "6 dias" de

Paris, numa tarde em que a chuva caía até uma hora antes do início da sua tentativa, Olmo pode dizer-se que chegou, correu e venceu.

Outro que chegou, correu e venceu foi o famoso Ladoumègue que, escorraçado pela Federação de Atletismo a qual nem como treinador o quis aceitar, recebeu do público parisiense a maior manifestação de apreço de que há memória nos annos do desporto.

Por iniciativa dum jornal diário, percorreu na manhã dum domingo, os três quilómetros que, pelas avenidas principais separam o bosque de Bolonha da Praça da Concorórdia. A multidão que se aglomerou para o vêr passar, sobretudo ao longo dos Campos Elísios, excedia 200.000 pessoas, e a sua marcha foi uma constante apoteose no meio das mais entusiásticas aclamações.

Esta gigantesca manifestação tributada pelo povo parisiense ao seu campeão favorito deve ter compensado largamente o grande ciclista Ladoumègue da severidade que os dirigentes federativos para com êle usaram, irradiando-o por praticar nitidamente o profissionalismo desportivo.

Que teria acontecido se os dirigentes da Federação fossem colocados num automóvel no rasto do campeão irradiado?

Salazar Carreira.



José Vieira Pontes

A PROPAGANDA DO LIVRO PORTUGUÊS EM S. PAULO — BRASIL

José Vieira Pontes, na antiga "Livraria Teixeira" grande propagandista da literatura portuguesa

Na hora em que tanto se discute o intercâmbio literário com o Brasil procurando-se soluções para os embaraços à exportação de livros portugueses para o Brasil é de inteira justiça homenagear aqueles que, no grande país irmão, resistindo contra todos os obstáculos — portes de correio proibitivos, dificuldade de transferências, falta de propaganda, etc. — se mantem numa permanente dedicação à defeza e expansão dos nossos livros. Principiamos por apresentar o nosso compatriota José Vieira Pontes, português de raça, patriota intransigente que

em S. Paulo a grande e progressiva cidade brasileira, à testa da sua livraria antiqüíssima, prestigiosa e popular, pugna, até contra os seus interesses materiais, pela venda do livro português que apresenta sempre em grande preferência nas magníficas vitrines do seu estabelecimento e que, infatigavelmente indica a todos os numerosos clientes da sua casa. Vieira Pontes, é um comerciante notavelmente inteligente, popularrissimo em S. Paulo e por todos querido. Os portugueses estimam-no pelas suas qualidades e os brasileiros pela firmesa do seu carácter. Há mais de 30 anos no Brasil, na antiga Livraria Teixeira, onde succedeu ao velho e respeitável livreiro Teixeira, o Vieira Pontes quanto mais avança na idade mais se lhe arreigam os seus sentimentos patrióticos.

É um português digno das nossas homenagens.



Um aspecto do interior da livraria



O edificio da conceituada livraria

ÚLTIMAS PUBLICAÇÕES

Dr. Teixeira Soares



«Mágica» é o título dum romance que o dr. Teixeira Soares acaba de publicar e que nos empolga desde a primeira à última página.

O sugestivo contista da «Noite de Caliban», firmando mais uma vez a sua personalidade de escritor neste novo livro, dá-nos a grata certeza de

que continuará uma obra tão auspiciosamente começada.

«Luar de Paixão»

Nos prosaicos tempos que vão correndo ainda há quem se abalance a fazer versos. O sr. A. Garibaldi acaba de publicar um voluminho de 90 páginas em que nos patenteia com a maior singularidade e sinceridade os dons privilegiados da

sua inspiração ardente. «Luar de Paixão» se intitula êsse belo feixe de versos. No fim explica a razão de usar o título de *Don Doctor de Trobar*, porque «foi costume e usança chamar-se assim aos poetas e trovadores da velha língua d'Oc, nas côrtes provençais.»

Dr. Agostinho Fortes

No novo livro do erudito escritor dr. Agostinho Fortes, «História da Literatura Portuguesa», que acaba de vir a lume, figura, além do nome do autor, o do escritor Albino Forjaz de Sampaio. Lida a obra que é profunda, utilíssima e digna da pena que a traçou, deparamos com uma nota do dr. Agostinho Fortes a declarar solenemente que Forjaz de Sampaio mal escrevera umas 40 páginas, deixando-o sósinho nessa jornada bem longa, durante a qual tantas vezes acalentara a ilusão de o ter como companheiro.

«Poeira dos Arquivos»

O ilustre escritor A. de Magalhães Basto teve a feliz ideia de reunir em volume todos os artigos que publicou em «O Primeiro de Janeiro» na secção «Falamos velhos manuscritos...» e intitulou esta preciosa colectânea de «Poeira dos Arquivos». Pelo sugestivo sumário que nos fala dos Descobrimientos, da Colonização e das Conquistas, das cavalarias dos Doze de Inglaterra, da Inquisição, do Pôrto e dos Jesuitas, do Marquês de Pombal e dos felizes tempos dos conventos, se avalia o valor da nova obra do illustre investigador.

José Sebastião Pacheco

José Sebastião Pacheco, ao organizar o seu «Rotário Policial de Lisboa», conseguiu realizar uma das obras mais uteis para todos os que carecem de percorrer esta capital cada vez maior e confusa.

Felicitemos, portanto, o autor do «Roteiro» que tem sido o nosso mais solícito e seguro guia neste imenso labirinto de ruas, avenidas e bairros novos — um novo labirinto de Creta.

Cesar Pôrto

A nova obra de Cesar Pôrto tem por título «Transformisme et heredité» e é a exposição duma nova teoria sobre a criação das espécies e a formação dos organismos, indicando a mais provável origem dos caracteres que os distinguem entre si e os separam dos entes inanimados.



A elegância no desporto



Em seguida foi a esgrima o desporto preferido, a esgrima, que então era quasi uma necessidade, tal a facilidade com que se puxava pela espada e se combatia. O mais pequeno pretexto servia para começar um combate, que nunca se sabia como acabaria.

O outro desporto favorito era a equitação, e, nela como na esgrima faziam-se maravilhas. Havia homens que com uma espada na mão mantinham em respeito vinte outros e armados. Na equitação fizeram-se prodígios e os homens faziam toda a sua vida, combatendo, viajando a cavalo. O cavalo era parte integrante da vida do homem, sem elle nada podia fazer.

Mas o desporto nessas épocas atrasadas era apenas cultivado pelos senhores, por aqueles que tinham um nome e tinham uma fortuna. Os ingleses e os

espécie de colchão e era levado por dois cavalos um adiante e outro atrás. O movimento descontrado dos animais tornava esse meio de transporte numa verdadeira tortura.

Hoje não é só na Inglaterra e nos países do norte, que o desporto está espalhado. Todos os países fazem cultura física, ginástica e desportos. O remo, a natação os varios jogos e sobretudo o «foot-ball» esse jogo um pouco brutal e que se popularizou de tal maneira, que não ha país, que não tenha varios clubs da especialidade, que se batem uns contra os outros com o denodo e a coragem, que os homens da Idade Média, punham nos seus torneios, havendo verdadeiras batalhas entre os espectadores por causa dos seus favoritos.

A mulher só ha pouco tempo, relativamente, é que se ocupa de desporto e o que fazia era com um certo cuidado até aos ultimos annos. Hoje a mulher cultiva o desporto com um entusiasmo que iguala o do homem.

Mas por enquanto os desportos femininos são ainda aristocráticos. A mulher do povo, com a sua vida de trabalho não tem tempo para se dedicar ao desporto, que exige muito treino e que além disso, se torna sempre dispendioso. A natação tem muitos adeptos, assim como o «ski» no inverno, a patinagem, o tennis o «golf».

Mas o desporto feminino por excelencia é a equitação. E o que a torna elegantissima, porque nada ha para favorecer uma linda figura de mulher como andar a cavallo.

Hoje a maior parte das senhoras monta «à califourchon», como os homens e não ha maior erro. A mulher não tem em geral, as pernas em harmonia, com o busto e montada dessa forma essa desproporção torna-se mais saliente e a silhueta perde toda a elegância.

A mulher americana com a sua ousadia é que começou a lançar essa nova moda na equitação feminina. Em Inglaterra onde a mulher apesar de avançada, em questões de elegância é muito conservadora ainda se vê a maioria montada como amazona numa elegância indiscutivel.

As artistas de cinema sobretudo as americanas vêem-se obrigadas a cultivar este desporto, que se torna indispensavel para a sua vida e em geral montam como os homens. É mais pratico talvez o montar assim, para as verdadeiras dificuldades, que essas artistas fazem em alguns «filmes».

Jeannette Mac-Donald a aristocrática Jeannette, prefere no entanto exhibir-se como amazona e faz toda a elegância em só assim montar o seu lindo cavalo de raça «Boubou Rose» que é invejado por todos as suas colegas e no qual faz lindos passeios nos arredores de Beverley Hills.

Outras artistas preferem montar como Diane Winyard como homem. Essa mulher que é toda distincção perde imenso montada, como um rapaz. Elegante é o sempre, mas não distinta e a mulher deve ter sempre em mira, ter uma elegância toda feita de distincção.

A elegância tem de ser em tudo, não só na sua «toilette», mas nas maneiras e até nos seus pensamentos. Mas sobretudo no desporto, a mulher que o tem de fazer, para manter em equilibrio a sua saude e o seu bem estar físico, não deve esquecer nunca a sua feminilidade e saber aliar a diestrea à elegância.

Maria de Eça.

O desporto que a gente de hoje julga ter descoberto, existiu sempre. O homem desde que existe faz desporto. Para o homem das cavernas o melhor desporto era a caça porque tinha a maior utilidade, caçava e alimentava-se com a caça. Nada pode haver de melhor e de mais pratico.

Os gregos exercitavam se nos jogos olímpicos em todo o género de desportos, que tornavam as suas formas belas e esbeltas, tornando-as flexiveis e resistentes como o aço.

Os romanos com o seu feito cruel e sangui-nário fizeram do desporto cruéis desafios. Os gladiadores nada mais eram do que profissionais do desporto, em que arriscavam a vida.

As tardes de circo em que sanguinariamente se sacrificavam centenas de vidas, antes da perseguição aos cristãos e seu martírio, eram apenas manifestações desportivas de melhor ou pior gosto.

Não havia os apaixonados dos varios clubes como agora há, mas havia os partidários dos gladiadores ou retiários, que por eles discutiam e se debatiam, como o fazem agora os sectários dos clubes.

Depois perdeu-se um pouco o hábito dos jogos e dos desportos. O povo cristão acabou com esses jogos cruéis, mas na Idade Média surgiram os torneios de combate, que era o melhor desporto, para esses homens, que faziam a dura vida de combatentes, cobertos com armaduras de ferro e aço, dum peso tal, que o seu uso representa um esforço maior do que uma tarde inteira de futebol.

Nesses torneios arriscava-se a vida e neles morreram, homens que eram valores como guerreiros e até um rei de França perdeu a vida num deles, morto por um rival nas armas e também no amor, segundo certas crónicas e sobretudo a lenda.

Para os homens dessa época o desporto era uma maneira de arriscar a vida e de combater. O homem tem o delírio do combate e ao fazê-lo despertam nele os mais sanguinários e ferozes instintos.

Os homens da Idade Média eram ferozes guerreiros, que viviam para combater, no delírio da conquista e não sabiam o que era o amor à vida que arriscavam sempre.



povos nórdicos, que para viver têm de combater um clima tão frio, começaram a generalizar o desporto como uma defeza contra a tuberculose e as outras doenças que no inverno ameaçam a vida do homem. Assim foram introduzidos os varios jogos que hoje se tornaram tão vulgares.

O «tennis» esse jogo elegante, que aperfeiçoa a estética do homem tornando-o mais belo e que faz a mulher esbelta e flexivel conservando-lhe a juventude até muito tarde. O «cricket», o «golf», o «rugby», o «polo», a natação e em quasi todas elas a mulher toma parte e naqueles em que o não faz, assiste entusiasmada.

A mulher inglesa foi das primeiras a montar a cavalo, primeiro por necessidade, para se transportar dum lado para o outro e evitar as andas, esse horrivel meio de transporte que na Idade Média era usado nas viagens das senhoras, e, consistia em duas traves onde se suspendia uma



será a sua consolação nas agruras que a vida exterior de trabalho, seja ela qual for, tra sempre.

Auxiliar a mulher que escolheu, a educar os seus filhos, e, pelo seu exemplo, dar-lhes a maior educação que é possível dar.

A felicidade individual que muita gente procura no casamento, esperando que ela seja a satisfação de todos os seus ideais e caprichos, é uma coisa teórica, que não pode existir. A felicidade verdadeira é que é sólida e que se pode encontrar na vida, e a obrigação mútua, a união, que permite desempenhar neste mundo a missão que lhes foi imposta e que terão de aceitar como o cumprimento dum dever.

A mais bela missão, que a dois entes pode ser dada, é a missão de fundar um lar sério, honesto, que seja um exemplo e de criar filhos que tenham mais tarde a compreensão dos seus deveres e sejam a continuação, das suas virtudes, e, que na sociedade sejam e los da cadeia de utilidade, que todos nós devemos formar.

Se todos os que casam tivessem a noção exata do casamento e para ele fossem, comprometidos da responsabilidade que assumem ao contrair esse santo Sacramento, haveria mais cuidado na escolha e o divórcio, essa chaga da sociedade, que cada vez alastra mais, não teria razão de existir. O divórcio que tantos dizem ser o triste remédio do casamento, em vez de remediar, envenena mais o mal de que é o sofrer.

O remédio do casamento não está no divórcio, que só aumenta, com as facilidades que traz, os maus matrimónios. Mas sim na educação, essa base da vida, de que em tudo se nota a falta.

Que o homem ao escolher a companheira da sua vida se preocupe um pouco com as qualidades morais, que fará uma boa esposa e mãe, em vez de só pensar na beleza física, e a mulher ao pensar em casar, tenha em atenção o carácter do homem, que será o seu apoio, em vez de só pensar nas vantagens materiais que o casamento lhe pode trazer.

A's mães compete pois, educando os seus filhos prepara-los para o casamento.

Maria de Eça.

A Moda

É definitiva já a moda da estação. Já bem vinhamos a aproveitá-la e apresentá-la ás nossas leitoras sem receio de lhes indicar modas passageiras, que não marquem no mundo da elegância.

A mulher elegante não aprecia a variedade na «toilette», mas sim, que os seus vestidos tenham o cunho da última moda e a distinção sóbria que a faz notar entre todas.

A elegância é uma coisa tão pessoal, que pessoas vestindo em géneros completamente diferentes conseguem ser elegantes, cada uma com a sua maneira de vestir, marcando duma maneira diferente, embora igualmente elegante.

Saber vestir consiste principalmente em saber escolher o que faz sobressair a elegância natural e o que esconde os seus defeitos.

Para a noite a moda este ano acentua a tendência oriental. Os vestidos das grandes casas apresentam essa nota oriental que lhes dá uma originalidade tão interessante.

Damos hoje um desses modelos em «crêpe satin» cor de ouro.

A túnica duma simplicidade elegantíssima tem uma pequena cauda que lhe dá uma grande linha, mas o que torna a «toilette» linda é a longa «écharpe» que saindo do cinto cai em lindas

PÁGINAS FEMININAS

pregas para subir ao cinto, de novo e ir até à cabeça, á oriental descendo pelo ombro e enrolando no braço.

É uma «toilette» que exige uma grande perfeição de linhas, que têm de ser quasi esculturais, as feições muito correctas e um certo tipo oriental.

Para a tarde voltam os vestidos guarnecidos e com um certo ar de «toilette» que têm a sua hora de ser usados e dão uma grande distinção. Damos um lindo modelo de fazenda de lá preta, guarnecido a «caracul», tendo as mangas e parte do corpo nesse tecido e os ombros guarnecidos a passemãneria terminados por borlas. Uma borla guarnece também a gola em «caracul».

O chapéu elegantíssimo é um tricórnio em feltro preto, guarnecido atrás com uma pluma que cai sobre o cabelo. O regalo em «caracul» é também guarnecido a bordado de passemãneria.

Lumas em «suède» completam o elegante trajó.

Para «toilette» simples a inevitável capa, a verdadeira elegância deste inverno. Esta capa, dum corte muito gracioso e original, cai em elegantes pregas.

A gola em «astrakan» e as ombreiras no mesmo tecido, que dão á nota deste ano na sua originalidade que a torna tão nova.

Como chapéu um «fez» em «astrakan» que faz brilhar os caracóis louros e graciosos.

A mulher elegante preocupa-se tanto com a elegância da sua «lingerie» como com os seus vestidos.

Para aquelas que gostam de ter a ultima novidade, na sua roupa, damos um lindo modelo de camisa de noite, em «crêpe» de seda fundo verde água e desenhos negros, formando flores e folhagem.

Nota original e graciosa um laço em fita preta «cirée» fecha a gola. Apertada na cintura parece um vestido para o que contribuem as amplas mangas seguras no pulso por um pequeno punho.



Chinelos em tiras de setim verde claro, fazem um elegante conjunto que satisfará ás mais exigentes.

Higiene e beleza

CONTRA OS CRAVOS pretos que desfeiam por completo a cara e que tão facilmente se desenvolvem nas peles gordas tem que fazer-se



uma guerra sem tréguas, porque não sendo combatidos, desenvolvem-se e propagam-se duma maneira assustadora.

Há agora nas casas de especialidade de beleza um pequeno aparelho, com que, facilmente se extraiem sem causar irritação á pele. Em seguida passa-se um algodão embebido em alcool puro.

E de manhã e á noite passa-se a cara toda com a seguinte loção: Alcool a 90° 250 gramas. Solução sulfo-fuchsine 1/2 cmc. Essência de rosas do Oriente 5 gotas, Essência de canela de Ceilão, 5 gotas, essência de amêndoas amargas 2 gotas, Caolino lavado 5 gramas, água destilada de loureiro-cerejeiro 1 litro.

Tendo persistência em fazer este tratamento consegue-se em pouco tempo destruir este inimigo da beleza.

O que foi sempre o noivado

Por muito longe que se procure na história dos paizes, encontra-se em todas as épocas a festa do noivado, que precede á do casamento. A Bíblia ensina nos como era solene essa festa entre os hebreus e em que ígru compromettiam os que trocavam promessas. Jacob esteve noivo de Raquel 14 anos antes de a desposar!

O noivado de Tobias é uma história enternecedora. Os israelitas, que se conservam fieis ás suas tradições, praticam ainda hoje a cerimónia do noivado com a mesma solemnidade de antes.

Se não levam já os presentes que mesmo a Virgem Maria e S. José deram ao Pontífice, fazem o gesto simbólico de quebrar uma bilha. O vaso quebrado lembra que tudo é frágil neste mundo... até o amor!

O noivado era feito com a mesma solemnidade, na China, na Fénicia e no Indostão. Os descobridores do Novo Mundo encontraram esse hábito ali estabelecido. No México era considerado o ceremonial essencial da vida civil.

Entre os povos do Lácio, da Grécia e de Roma o noivado tinha acima de tudo, um carácter civil e familiar: o pae exercia o direito de comprometter a palavra da filha e só lhe pedia a sua annuncia quando ella tinha mais de doze annos! O cristianismo, sobretudo na Idade Média, usava nesse acto das mais encantadoras ceremonias.

No emtanto a igreja nunca viu nesse acto, senão uma troca de promessas e não de juramentos.

O noivado de hoje, conservou as suas fórmas e a sua importancia, nos povos de Levante e da Extrema-Asia, os classificados de barbaros, porque se conservam inamoviveis na sua fé e nas suas tradições.

Entre nós povos civilizados, o noivado consiste apenas nas palavras trocadas entre os futuros noivos e as familias.

E não há mesmo muito respeito por esse compromisso de honra, visto que ao menor pretexto se rompe.

Verdade é que é preferivel que reflitam antes, do que fundar lares onde não haja paz e concordia.

O voto e a mulher

Em quasi toda a Europa a mulher é eleito-ra e elegivel. E nalguns casos bem justo é que o seja.

É incompreensivel que a mulher de alto valor intellectual, que pôde ser médica, advogada, engenheira, não tenha o direito de votar e o seu criado o tenha, pela simples razão que é homem.

O que é extraordinário é que a mulher franceza ainda não tenha conseguido o voto.

A França, o paiz que primeiro se occupou do direito do homem, não tem querido reconhecer á mulher o direito do voto. Representa isso um atrazo do espirito feminino francez? Não podemos pensar isso da mulher franceza, que tão grande contingente de escriptoras, de médicas, distintissimas, de advogadas tem dado á humanidaade.

Será talvez da parte dos governantes uma repugnancia em dar á mulher, esse direito, uma manifestação de conservatismismo que se não comprehende, num paiz onde a mulher tem um importante papel social.

Receitas de cozinha

Pês de porco à normanda:—

A cozinha franceza é bem conhecida pelos seus accipices e cada provincia tem a sua especialidade: Eis um prato pouco conhecido: Numa panela para seis pessoas põem-se quatro pés de porco e duas mãos de vaca, que antes fôrão muito bem lavadas, raspadas e passadas em mantiga numa caçarola até ficarem douradas. Cobrem-se com água sem as tapar completamente, juntamente todos os legumes e todos os aromas possiveis: cenouras, nabos, cebolas, ramo de salsa, cravo da India, sal, pimenta, um quarto de dente de alho. Faz-se fervor devagarinho, mas continuamente durante seis horas.

Quando está meio cozido deixa-se um calice de cham-

pagne fino. Os pés devem soltar-se dos ossos, o molho deve tornar-se grosso e colorido. Serve-se os pés e mãos num prato coberto, que deve ser regado com o molho que se passa atravez dum coador.

É um prato excellenté para as pessoas fracas de bronquios e que se constipam facilmente.

De mulher para mulher

Violeta:— Aproveite esses longos serões de inverno numa coisa útil, aprenda um lingua estrangeira, ou qualquer trabalho de mãos que seja útil, e, que possa proporcionar a occasião de se entreter aproveitando bem o seu tempo, em vez de o perder em lamentações. Mesmo as pessoas que vivem nas cidades passam a maioria dos seus serões em casa. Cinemas e theatros não são para todos os dias. E creio que as pessoas que só assim se sentem felizes, são bem para lamentar.

Jasminha:— Um vestido de veludo preto é sempre lindo e deve ficar muito bem com essa bela guarnição de «astrakan». Se tem essa vocação não hesite. A pintura é sempre uma linda prenda para uma senhora, e quem sabe? pôde vir ainda a ser uma artista.

Dedicada:— Trate os seus bebês mais higiénicamente e verá como elles adquirem essas boas cores, que tanto aprecia. Só a alimentação não basta é preciso ar e luz e é essa differença de vida que os faz sentir quando chegam a Lisboa.

Pensamentos

O coquetismo na mulher é tão natural como o é á audácia no homem.

Á intelligencia só é verdadeiramente útil quando acompanhada de bondade.

No olhar está o espelho da alma, uma alma pura irradia beleza.



DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado.

IMPRENSA

O *Charadista* — de Lisboa. — Dedicado exclusivamente à 4.^a etapa do *Concurso Internacional de Charadismo* — a mais importante e renhida competição charadística até hoje levada a efeito no nosso País e aquela que detém o *record* do maior número de prémios, de alto e significativo valor, a disputar entre os concorrentes — saíu há dias esta revista da especialidade, a mais antiga que se publica em Portugal e órgão da Tertúlia Edípica.

Além de artigos charadísticos, próprios da natureza da competição, para as duas categorias que disputam o torneio — *fortes e fracos* — insere um muito completo e elucidativo mapa, com os resultados provisórios da 3.^a etapa, informações e notas várias, de interesse para o charadista, e a sua habitual secção de *Noções sobre o charadismo*.

No seu fundo continua a pugnar briosamente pela idéia, altamente honrosa para o Charadismo das duas nações irmãs, da realização do 1.^o Congresso Charadístico em Lisboa, seguindo assim as pisadas dos confrades italianos, que nesta matéria têm feito obra grandiosa e digna.

E o caso é que a Tertúlia Edípica, por intermédio do seu órgão e através da Imprensa charadística, tem conseguido dar tal vulto e relevância à idéia do Congresso, que o entusiasmo, no Brasil e em Portugal, pela sua realização está tomando foros de acontecimento sensacional e único, garantia mais do que suficiente para que a sua efectivação se verifique, *de facto*, no próximo ano.

Fazemos votos para que assim seja — e aqui deixamos consignado o nosso incondicional apoio e concurso a tão grandiosa idéia.

APURAMENTOS

N.º 38

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

MIMI BÁRCIA

N.º 15

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

BRAZ CADUNHA

N.º 12

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 6, Micles de Tricles

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 18 pontos:

Alfa-Romeo, Frá-Diávolu, Cantente & C.^a, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan, Maginate, Kábula.

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, 14 — Salustiano, 12. — Rei-Lu-so, 12. — Só-Na-Fer, 12. — Só Lemos, 12. — Sonhador, 12. — João Tavares Pereira, 11. — Lamas & Silva, 11. — Salustiano, 11.

OUTROS DECIFRADORES

D. Dina, 8. — Lisbon Syl, 8. — Aldeão, 7

DECIFRAÇÕES

1 — Forma-mato-formato. 2 — Folga-gado-folgado. 3 — Riso-sota-risota. 4 — Abrenúncio. 5 —

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 47

Rascada. 6 — Relesmente. 7 — Aluna-Ana. 8 — Altivo-alvo. 9 — Cabaço-caço. 10 — Vagamundo. 11 — Leme (LM). 12 — Papolino. 13 — Amago-âmago. 14 — Mariola. 15 — Girasol. 16 — Parlandaparda. 17 — Garoto-gato. 18 — Quem primeiro vem primeiro moe.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) Cada página da nossa *História* é uma lição magnífica de heroísmo. (2-2) 3.

Lisboa

Dama Negra

2) Éle até *disfarça*, em regra, o amor! (2-2) 3. Colares

Maria Luíza

3) Ninguém *decifra* uma charada sem *pateada* e um «pedaço grande» de trabalho. (2-2) 3.

Lisboa

Moreninha

4) É uma *ridicularia* a espécie de lagosta de que se alimenta o *barbeiro*. (2-2) 3.

Luanda

Ti-Beado

NOVÍSSIMAS

5) Fiz um *cálculo aproximado* de que «a» maior parte da gente morre por *desastre*. 2-1.

Leiria

Magnate

6) A *totalidade* aas coisas de *bagatela*?!... livra que é uma *insignificância*. 2-2.

Lisboa

Sopmac

(Agradecendo ao famoso *Vidalegre*)

7) *Pessoa sincera e leal*, que leva a vida a saltar, não é nenhum glorioso, mas sim *vulgar*. 1-2.

Luanda

Ti-Beado

8) O *remorso* mais tremendo do *espírito* é *entorpecido* pelas lágrimas. 1-2.

Lisboa

Veiga

SINCOPADAS

9) Todo aquele que é *teimoso* entra no rol dos inconvenientes. 3-2.

Lisboa

Lérias

(Ao insigne *Rei Fera*)

10) O *diabo* é *êle* ser *jovem*... 3-2.

Lisboa

Sopmac

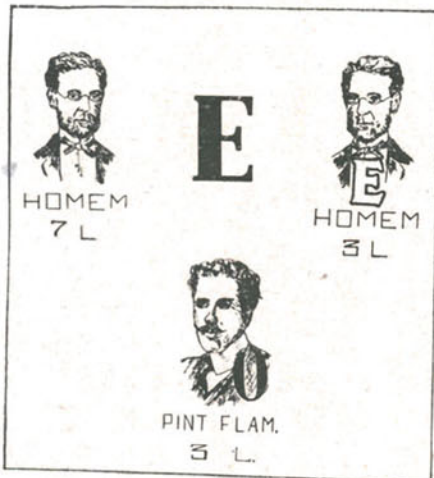
11) É um *capricho* de mulher querer ser sempre *criança*. 3-2.

Luanda

Ti-Beado

TRABALHOS DESENHADOS

19) ENIGMA FIGURADO



TRABALHOS EM VERSO ENIGMAS

12) No masculino o papel E' ser um homem cruel.

Feminino — outra maneira — E' espécie de oliveira.

Aumentando é rigoroso, Vinho forte e taninoso.

Lisboa Conquistador

(Ao perclaro confrade «Berloal»)

13) Uma conta quis pagar, Há dias, ao meu teneiro, E ao cofre fui procurar O necessário dinheiro.

Com cuidado procurei (Como os tempos vão bicudos!) Mas, apenas encontrei Três notas... de cinco escudos!

Era pouco p'ra solver A conta do merceiro. Que havia, então, de fazer, Se não chegava o dinheiro?

Peguei na triste maquia, Embrulhei-me no capote. E marchei p'ra a leitaria... Ficou pago o meu calote!

Lisboa Bisnau (T. E.)

14) No meio de onze metendo Nove escrito não em prosa, Logo encontram com certeza, Planta, mas leguminosa.

Tôrres Vedras Alfa & Ómega

15) Se qualquer pessoa não Tem no meio dum *atalho* Uma certa precaução, Nunca lhe falta trabalho.

Leiria Magnate

NOVÍSSIMAS

16) *Disparata* com furor — 1 E não sabe que a maneira — 1 De acabar com sua dor E' não ser *alcoviteira*.

Lisboa Conquistador

17) Quando a *morte* me chamar — 2 Desta vida atribulada, Com *engenho* hei-de arranjar — 2 Agonia moderada...

Santarém Mister Anão

18) Há mulheres incoerentes... A linda Aninhas Travassos Usa vestes transparentes. Saia... três palmos escassos...

No estio, ao sol, em calção, Expõe o corpo gentil, Estendida qual sardão No areal do Estoril.

Pois este **amor** de pequena, — 2 Que anda desnuda na praia Porque a moda é ser morena, Se, ao subir p'ro carro, a saia,

Curta, sem roda, apertada, Ao nosso olhar patenteia A perna bem modelada Estojada em fina meia,

(A **fêmea**, a mulher da moda, — 2 Tudo mostra... ou se adivinha...) E vê «mirões» em roda, E' certo que se abespinha.

Quem se mostra quasi nua Na praia, que é um viveiro De «mirões», porque se amua Se a espregia algum *femceiro*!?

Lisboa Sileno

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.^o — Lisboa.

VIDA ELEGANTE

Diplomatistas

Em honra do sr. dr. Martinho Nobre de Melo, illustre embaixador de Portugal, no Brazil, e de sua esposa, ofereceram na noite de quinta-feira 14 de Novembro último, um jantar seguido de recepção, o actual encarregado de negócios do Brazil, em Portugal sr. dr. Abelardo Bueno do Prado e sua esposa, a sr.^a D. Nair Bueno do Prado, tendo sido convivas ao jantar além dos homenageados, as seguintes pessoas: condes de S. Mamede, João de Castro Pereira e esposa, José Macieira Lino e esposa, e dr. Teixeira Soares, segundo secretário da embaixada do Brazil, em Portugal e esposa.

A recepção assistiram também as seguintes pessoas: condes de Castro, viscondes de Almeida Garrett, viscondessa de Moraes, visconde de Seisal, Gabriel Bianchi e esposa, D. Francisca de Vilhena e esposa, D. Albertina da Câmara Rodrigues Walden Supardo, D. Francisca de Avilez e esposa, dr. Salazar de Sousa e esposa, Bartolomeu Perestrelo de Vasconcelos e esposa, Adolfo Burnay Soares Cardoso (Marco) e esposa, José Soares Franco e esposa, Frederico Prestrelo de Vasconcelos, dr. Eduardo Correia de Barros e Manuel Frederico Pressler.

Os illustres diplomatas tiveram ocasião de mais uma vez ocasião pôr em destaque as suas fidalgas qualidades de caracter.

Casamentos

— Realizou-se na paróquia de Santos-o-Velho, o casamento da sr.^a D. Maria Helena Glória Santos, interessante filha da sr.^a D. Herminia de Carvalho, já falecida e do sr. Jorge Santos, nosso antigo colega na imprensa, com o sr. Carlos de Carvalho, distinto estudante de engenharia, filho da sr.^a D. Maria Rosa de Carvalho e do sr. Francisco Júlio de Carvalho.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Francisca das Dóres Melo Xavier e D. Laura Augusta de Carvalho Picoto e padrinhos os srs. Roberto de Melo Xavier e Manuel António Picoto Junior.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos tios dos noivos, um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para a Figueira da Foz, em que foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria José Gonçalves dos Santos, com o distinto advogado dr. Gustavo de Freitas, tendo servido de padrinhos por parte da noiva sua prima a sr.^a D. Luiza Rosa Branco e o sr. Abel de Almeida e Sousa e por parte do noivo seus primos a sr.^a D. Amélia de Freitas Ribeiro Tavares Montano e sr. tenente coronel João Tavares Montano.

Terminada a cerimónia os noivos seguiram para o norte onde fôram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Pelo sr. Joaquim Soares, foi pedida em casamento, para o sr. dr. João Ruela Ramos, illustre advogado no Pôrto e administrador-gerente da União Electrica Portuguesa, a sr.^a D. Germana Marques Vieira Pinto, gentil filha da sr.^a D. Rosalina Marques Vieira Pinto e nosso presado amigo e membro do conselho de administração da «Renascença Grafica», sr. Alfredo Vieira Pinto.

A cerimónia deverá realizar-se ainda este ano.

— Em Fan, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Luiza Roque, interessante filha da sr.^a D. Maria Helena Roque, e do sr. António Roque, com o sr. Carlos Alberto Fontes Pereira de Melo Magno, filho da sr.^a D. Maria Cristina Fontes Pereira de Melo Magno e do sr. Magno, já falecido.

Foram madrinhas a sr.^a D. Maria Virginia Fontes Pereira de Melo e a mãe do noivo e padrinhos o pai da noiva e o sr. Albino Fontes Pereira de Melo. Presidiu ao acto o reverendo Mascarenhas, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, da pastelaria «Marques», seguindo os noivos de-

pois para a praia da Rocha, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Com grande intimidade, realizou-se na capela de Santa Cruz, na praia da Granja, o casamento da sr.^a D. Maria Manuela Cunhal Patrício da Cunha Matos, gentil filha da sr.^a D. Maria Luiza Cunhal Patrício da Cunha Matos e do sr. José da Cunha Matos, com o distinto engenheiro sr. José C. de Brito e Abreu, filho da sr.^a D. Maria José Lopes de Brito e Abreu e do sr. Sebastião de Brito e Abreu, já falecido.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Maria Carolina Cunhal, tia da noiva e D. Maria Joana de Brito e Abreu Portugal, tia do noivo e padrinhos o pai da noiva e o tio do noivo sr. Fausto de Brito e Abreu.

Ao acto presidiu o reverendo dr. Cruz, que antes da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, partindo os noivos depois de automóvel para a quinta do Ramalhete, em Sintra, propriedade do tio e padrinho do noivo, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Acaba de se ajustar oficialmente o casamento da sr.^a D. Maria Helena Mendes de Almeida Belo Correia Pereira, interessante filha da sr.^a D. Tereza Mendes de Almeida Belo Correia Pereira e do comandante sr. João Correia Pereira, com o sr. Carlos Arbués Moreira, filho da sr.^a D. Juvenália de Arbués Moreira e do sr. Ernesto de Quintanilha e Mendonça de Arbués Moreira.

— Realizou-se na paróquia de Nossa Senhora das Mercês, o casamento da sr.^a D. Marta Leão Alvares da Cunha, gentil filha da sr.^a D. Izabel Leão Alvares da Cunha e do sr. João António da Cunha, com o tenente de engenharia sr. David Cecilio Sardinha, filho da sr.^a D. Georgina de Sousa Sardinha e do sr. Francisco Melquiades Sardinha.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Maria da Conceição de Freitas e D. Catarina da Rocha Pinto, e de padrinhos os srs. coronel João Nepomuceno de Freitas e o coronel António Teixeira Rocha Pinto.

Presidiu ao acto o reverendo Marques Soares, prior da freguezia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos padrinhos da noiva a sr.^a D. Maria da Conceição de Freitas e coronel sr. João Nepomuceno de Freitas, um finíssimo lanche da pastelaria Marques, seguindo os noivos depois para Évora, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Foi pedida em casamento pela sr.^a D. Maria Inez Seabra da Câmara, viuva do illustre clinico sr. dr. D. Vicente Zarco da Câmara, para seu filho D. João, a sr.^a D. Maria Cristina Peite da Costa Maia, interessante filha da sr.^a D. Augusta Peite da Costa Maia e do sr. Delfim Maia.

A cerimónia deverá realizar-se ainda este ano.

— Em Sintra, realizou-se na paróquia de Santa Maria e São Miguel, com a maior intimidade, o casamento da sr.^a D. Maria Gonçalves da Costa, gentil filha da sr.^a D. Maria Amélia Gonçalves da Costa e do distinto artista sr. Adriano Costa, com o sr. Mário da Silva de Avila, filho da sr.^a D. Joaquina da Silva de Avila e do sr. Manuel de Avila, já falecido.

Foram padrinhos por parte da noiva a senhora D. Maria del Consuelo de Velasco y Méra de Benito Garcia, e o sr. D. Alberto de Velasco y Méra e por parte do noivo sua mãe e seu irmão, o capitão Manuel de Avila, comandante do forte de Almada.

A cerimónia presidiu o prior da freguezia, reverendo Carlos Teixeira de Azevedo, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, em Santa Maria, um finíssimo lanche, partindo depois os noivos para a propriedade da madrinha da noiva, na praia das Maças, onde foram passar a lua de mel.

— Com muita intimidade, realizou-se o casamento da illustre poetisa sr.^a D. Mariana da Piedade Lopes, com o distinto advogado sr. dr. Jaime Saraiva Lima, tendo servido de padrinhos por parte da noiva a sr.^a D. Aurora Monteiro e o sr. Claudino de Oliveira e por parte do noivo sua prima a sr.^a D. Aurora de Lima Saraiva Pereira e o sr. João Pereira da Rosa, illustre director do nosso colega o «O Século».

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois para a sua casa em Mourisca do Vouga, onde foram passar a lua de mel.

Na assistência notavam-se as seguintes pessoas:

Dr. Sá e Oliveira e D. Laura de Lima Saraiva Sá e Oliveira, João Pereira da Rosa, D. Maria Pia de Seabra Cruz, Eng.^o António de Gouveia e D. Maria de Lima Saraiva Pereira de Gouveia, D. Flávia Marinho Alves, D. Aurora de Lima Saraiva Pereira e filha D. Alda, D. Flora Galvão de Melo Rosado, António Pimenta e D. Alice Teles Pimenta, D. Irene Faria, D. Maria Cristina Figueira, D. Angelina Falcata e filha, D. Maria Esperança, D. Dulce Soares Lopes, D. Lisette Ferreira de Abreu, D. Maria Firmiana Lopes, D. Cecília Freire Sobral, D. Alzina Marques Costa, Dr. Abranches Ferrão Vitor Saraiva Lima, João Colares Pereira, Manuel Dourado, Claudino de Oliveira, João Cacirola, Santa Clara da Cunha, Carlos de Vasconcelos e Sá.

— Na paróquia de S. Vicente de Fóra, realizou-se o casamento da sr.^a D. Ivone Cabo Carvalho, interessante filha da sr.^a D. Laura Marques Cabo Carvalho e do sr. Carlos Luiz do Cabo Carvalho, já falecido; com o sr. dr. Amílcar Marques, filho da sr.^a D. Maria da Piedade Marques e do sr. José Joaquim Marques.

Serviram de madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a D. Elvira Marques e de padrinhos os srs. tenente-coronel José Godinho e o major aviador Carlos Beja.

Presidiu ao acto o reverendo Armando Encarnação, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos noivos, um finíssimo lanche da pastelaria Marques, recebendo os noivos grande número de valiosas prendas.

— Realizou-se na paróquia do Coração de Jesus, o casamento da sr.^a D. Octávia Dias Novais Soares Medeiros, gentil filha da sr.^a D. Ester Dias Novais e do sr. Adalberto Novais Soares Medeiros, já falecido, com o sr. António Wandschneider de Faria Mesquita, filho da senhora D. Maria Augusta Wandschneider Mesquita, já falecida, e do sr. João Ribeiro de Faria.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Sofia de Carvalho, tia da noiva e D. Cacilda Mendes de Almeida, tia da noiva e padrinhos os srs. major Carlos de Carvalho Dias, tio da noiva e dr. António Mendes de Almeida tio do noivo.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência da avó da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Na paróquia de Santa Justa e Rufina, realizou-se o casamento da sr.^a D. Tereza de Jesus Coelho Franco; interessante filha da sr. D. Sara de Jesus Coelho Franco e do sr. António Coelho Franco, com o sr. João de Brito Caiado, filho da sr.^a D. Maria do Rosário Brito Caiado e do sr. José de Brito Caiado.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Maria do Rosário Brito e D. Maria Mateus de Almeida Mendes e de padrinhos os srs. Manuel Coelho Franco e José de Brito Caiado Júnior.

Presidiu ao acto o reverendo prior da freguezia, que fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, na elegante residência dos pais do noivo, seguindo os noivos depois para o Algarve, onde foram passar a lua de mel.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Maria Carlota de Somer Pereira Salgado, esposa do sr. José Manuel Roma Machado Cardoso Salgado. Mãe e filho estão de perfeita saúde.

— Na casa de Saúde das Amoreiras, teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Helena de Mascarenhas Gentil Quina, esposa do distinto cirurgião sr. dr. Mário Quina e filha do illustre professor da Faculdade de Medicina de Lisboa, sr. dr. Francisco Gentil.

Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

D. Nuno.



Cândida M. A. Lipari Garcia

O glorioso século XVI marca o apogeu do individualismo intelectual, contrastando com o individualismo da força bruta, simbolizado no senhor feudal da Idade Média. Com o Renascimento inicia-se uma nova era, determinam-se novos ideais morais e intelectuais, procura-se fazer renascer a brilhante civilização ateniense do V século A. C. e a romana do século de Augusto.

Ao mesmo tempo que a Humanidade se dedica ardentemente ao estudo das letras gregas e latinas, o pensamento liberta-se dos laços que ainda o prendem à Idade Média e procura atingir a realidade e a beleza, mediante o livre exercício das suas faculdades individuais.

Os renascentes procuram marcar a sua personalidade, as suas obras reflectem a expressão da sua alma e, por isso, as poesias desta época são mais sentidas e sinceras do que as anteriores. Urge, portanto, interpretá-las cuidadosamente, a fim de se conhecerem interessantes dados biográficos dos seus autores. É para lamentar que este trabalho seja dificultado pelo mistério que envolve a maior parte dos escritores portugueses.

A vida de Bernardim Ribeiro, porventura um dos poetas mais representativos do seu tempo, ofereceu um vasto campo às suposições as mais extraordinárias.

É principalmente à volta dos seus amores que surgiram as mais variadas lendas. Está fora de dúvida que a Mulher exer-

ceu um papel preponderante na vida deste sublime poeta. Os seus versos traduzem com subtileza o estado de alma de um homem apaixonado e superiormente sensível. A poesia de Bernardim Ribeiro está impregnada de profunda melancolia, é sentida, transparecendo nela a sinceridade dum sentimento que talvez o perturbasse até à loucura. O seu amor, mal correspondido e cantado por ele em versos imortais, excede em muito um amor vulgar, piegas e banal. É um amor puríssimo e, ao mesmo tempo, intenso e vago, absorvente e irreal.

Bernardim, assim como Leopardi, o desventurado poeta italiano, continha em si o germen da infelicidade que não sabia ocultar!

A obra deste notável escritor português, reveste um acentuado carácter pessoal, referindo-se quase sempre ao seu desditoso "estado de alma". Os comentadores salientam a circunstância de Bernardim ter procurado, servindo-se de alegorias, exteriorizar ideias pessoais. A sua lírica é tódia no sentido da realidade dos sentimentos. O poeta, com arte e simplicidade, patenteia a sua alma torturada pelo amor.

Nas suas frases eloquentes e de um sentimentalismo impressionante, nota-se que o autor quer evidenciar o seu absoluto desprendimento pela vida. O desejo da morte é frequente. O poeta, com a alma torturada e com o coração a sangrar, invoca-a como sendo a única salvação para as suas desgraças.

Assim, na Écloga I, sob o pseudónimo de Pérsio, num diálogo travado com o pastor Fauno, exclama:

*Leixa-me acabar te digo
Que pode ser que meu mal
Se acabe também comigo.*

Quem seria a causadora dos seus tormentos, a inspiradora dos seus amargurados versos, que, embora revelem resignação, são profundamente sentidos e brotam espontâneos do coração?

As opiniões divergem a este respeito. Os biógrafos deixaram voar alto a sua imaginação, tor-

Bernardim Ribeiro, por Costa Mota

A ETERNA INSPIRADORA

Brandos soluços de Bernardim Ribeiro

Quem tanto fez amar e sofrer o mavioso poeta?

nando mais intrincado e tenebroso o caminho da verdade. Assim, Faria e Sousa apresentou a hipótese dos seus amores com a Infanta D. Beatriz, casada com o Duque de Saboia. Herculano e Garret aceitaram-na, tanto mais que o marido de D. Beatriz tinha um físico desagradável e procurou afastar os portugueses que iam no séquito da Infanta, receando talvez que entre estes se encontrasse o apaixonado Bernardim.

Para outros comentadores, a dama dos seus tristes e suspirados anelos teria sido D. Joana de Vilhena, filha de Alvaro de Portugal e prima do rei D. Manuel.

Para coordenar os elementos biográficos deste poeta, existem interessantes documentos que a ele se referem. Analisando-os circunstanciadamente, chega-se à conclusão mais plausível de que Bernardim se tivesse apaixonado por uma sua prima—Joana Tavares Zagalo—mulher formosa, que teria casado com Pero Gato, ocasionando a tragédia amorosa do desditoso poeta.

Delfim Guimarães, não hesita em identificar esta senhora com a "Catarina" da I Écloga e a "Dina" da IV.

Nesta ordem de ideias, os anagramas



da "Menina e Mõça", podem quasi todos resolver-se em nomes pertencentes à família de D. Joana Tavares.

Na obra lírica de Bernardim, todos os versos atestam que o pensamento constante do poeta é a sua dama. Não consegue libertar-se do seu amor, pois ele faz parte do seu próprio ser.

Que assim é, mostram-no à evidência os seguintes versos:

*Vou de mudança em mudança,
Sem me ver nunca mudado,
De uma em outra lembrança,
Falece-me a esperança
Para ser desesperado:
Trago desejo subido;
E ando fugindo d'ele,
Mas nunca me acho sem ele,
Nem o posso ver perdido,
Porque me perco por ele.*

Bernardim é um poeta da resignada tristeza perante os insucessos da vida. Os seus versos exprimem um sofrimento verdadeiro, sentido, mas que não explode em gritos de revolta, em palavras acerbas e iradas.

O poeta, desiludido da vida e indiferente a tudo quanto o cerca, encontra na sua própria dor, o único lenitivo para o seu mal, o último refúgio para a sua alma amargurada.

Os seguintes versos, profundamente melancólicos, traduzem bem o pensamento do autor:

*Não cuides que minha dor
Me dá repouso em diz-la
Que quanto mais cuida nela,
Tanto ela é maior,
E eu mais contente dela.
Leixa-me nestes extremos
Onde tudo me deixou,
Meu mal e eu ficaremos
E nunca nos deixaremos
Que este só bem me ficou.*

Quizeram alguns críticos identificar Bernardim com o misterioso autor da Écloga "Cristal". Ressaltam, porém, pela aproximação das obras, algumas diferenças, derivadas em parte da maneira diversa de encarar o Mundo.

Cristovão Falcão é mais concreto, não se desprende tanto das realidades terrenas, o seu amor não é nem platónico

nem petarquista, é um produto espontâneo da sua máscula sensibilidade.

Analisando a lírica de Bernardim, mais uma vez se verifica a influência decisiva da Mulher na realização de verdadeiras obras de arte.

Os mais profundos investigadores da vida de Bernardim Ribeiro têm procurado identificar as namoradas que por ela passaram. Teófilo Braga afirmou que o *Cruelisia*, da *Menina e moça*, era o anagrama de Lucrécia Gonçalves de Ribafria, em Sintra, mas nada ficou apurado de concreto. No Cancioneiro de Garcia de Rezende figura a seguinte cantiga à senhora Maria Coresma:

*Uns esperam a Coresma
para se nela salvar,
eu perdi-me nela mesma
para nunca me cobrar.*

*Mas com esta perda tal
eu me ei por mi bem ganhado,
porque o melhor do meu mal
está todo no cuidado.*

*Os que cuidam que a Coresma
não é para condenar
se a virem a ela mesma
mal se poderão salvar.*

Delfim Guimarães, que nunca esteve de acôrdo com Teófilo Braga, congeminava: "Seria esta senhora Maria Quaresma a primeira namorada de Bernardim, a *Cruelisia* da *Menina e moça*? Seria a paixão de um momento, um capricho anterior ao idílio por *Aquelisia*?"

E quem seria aquela mulher inspiradora da poesia que Garcia de Rezende igualmente coligiu e terminava assim:

*Nestes dias dizimados
lembre-vos com quanta pena
hão de viver meus cuidados
sendo já desesperados
vendo que nada os condena,*



Bernardim Ribeiro (desenho do pintor Antonio de Almeida)

*Lembre-vos que vida tal
nunca vo-la mereci,
olhai bem em quanto mal
me pagais o ser leal,
e o tempo que vos servi.*

A Mulher foi e continuará a ser, sem dúvida, a centelha animadora dos maiores génios da Humanidade. O criador da beleza, nas suas múltiplas formas e aspectos, constantemente renovados, dificilmente consegue subtrair-se à acção dominadora da Mulher, fonte inexgotável de inspiração, para aqueles que procuram cooperar no progresso da Humanidade e dar à Vida uma função espiritual.

Principalmente no campo poético, a acção feminina tem sido preponderante, contribuindo para a realização de grandiosas obras literárias.

Os poetas, homens dotados de uma sensibilidade exaltada e, por vezes, doentia, servindo-se da sua rica imaginação, celebraram a Mulher, centralizando nela os mais variados sentimentos; dor, alegria, paixão, resignação e desespero.

A vasta escala da psicologia amorosa encontrou os seus melhores intérpretes em Dante, o pai do classicismo, Petrarca, o divino cantor de Laura, e Camões, glória imortal, não só da illustre raça portuguesa, mas da Humanidade inteira!

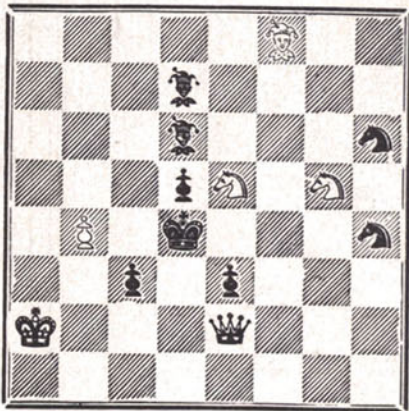
Cândida Maria Antonieta Lipari Garcia.

Xadrez

(Problema por J. Chocolous)

Branças 6

Pretas 8



Jogam as brancas e dão mate em dois lances.

Hospital de pássaros

A cidade do Houston (Texas) possui um hospital para pássaros como não existe em nenhuma outra parte do mundo. Esse hospital está organizado segundo o modelo dos melhores e mais aperfeiçoados consultórios para tratamento de doentes humanos. Antes de se proceder a uma intervenção cirúrgica, adormece-se o pássaro por meio dum anestésico.

Marchas nupciais

As marchas nupciais mais famosas são a de Mendelssohn, a de Wagner e a de Haendel.

Mendelssohn compôs a sua para o casamento do duque de York; a de Wagner foi composta para o casamento da princesa Mary, de Inglaterra.

A de Haendel tem uma história mais curiosa. Este célebre compositor tinha já pronta a sua ópera *José do Egípto*, mas faltava-lhe uma marcha nupcial. A inspiração, porém, não lhe vinha e escasseando-lhe o tempo, colocou como marcha nupcial de *José*, a marcha funebre do seu oratório *Sansão*.

O êxito foi tamanho que depois da sua morte, deixaram ficar esse trecho de música na ópera *José* e intercalaram no oratório a marcha funebre de *Saul*, outra ópera do mesmo autor.

Delícias da vida conjugal



O marido (que acaba de entrar em casa, de madrugada): — Hoje levantei-me primeiro que tu, vês, minha querida?

(Do *Humorist*)



Os três orifícios

(Problema)



Aqui estão representados a preto três orifícios de formas inteiramente diferentes uma das outras e, como bem se vê, absolutamente inconfundíveis entre si.

O problema é o seguinte:

Que feitiço se havia de dar a um pedaço de madeira ou de qualquer outra substância não elástica, para que, sem lhe tirar nem acrescentar nada, êle pudesse passar por estes três orifícios, encaixando exactamente em cada um deles?

Outros tempos, outros costumes

Nos séculos XII e XIII pedia a etiqueta que, nos banquetes, se assentassem, alternadamente, à mesa, os 'convivas' de ambos os sexos, e que cada par comêsse no mesmo prato! Nas refeições das famílias bebiam todos por uma única taça, e o pai de S. Berland o desherdou porque, antes de beber, limpára a taça com o pretexto de que ela tinha lepra.

O uso das saúdes estava ligado com a religião dos romanos, e, em certa época, foi até geral na Europa.

Não há mais de um século que, na Alemanha, bebiam não só à saúde de todas as pessoas presentes, como também à dos tios, tias, primos e primas e até de parentes já falecidos (!), de sorte que um estranho, convidado para jantar, via-se na rigorosa necessidade de indagar antecipadamente toda a parentela de quem o convidara.

Anedotas

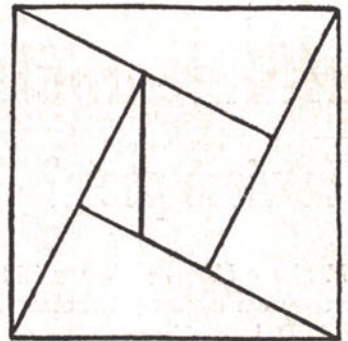
O pai, para o filho, querendo ensiná-lo a somar:

— Se eu te der três amêndoas numa das mãos e quatro na outra, quantas amêndoas terás ao todo?

— Muito poucas, papá.

Os cinco triangulos

(Solução)



Bridge

(Passatempo)

Espadas — A. V. 4.
Copas — V. 8, 6.
Ouros — — — —,
Paus — A.

Espadas — R. 8. **N** Espadas — 9, 6.
Copas — R. **O** Copas — 10, 7, 2.
Ouros — R. 8, 6. **E** Ouros — 9.
Paus — 9. **S** Paus — 4.

Espadas — D. 7.
Copas — A. 9.
Ouros — V. 10, 3.
Paus — — — —.

Trunfo espadas. S joga e faz todas as vasas.

(Solução do número anterior)

S joga 2 de copas, O o 7 de copas, N o 4 de copas e E o 6 de copas.

Conforme a carta que O jogar, assim S e N orientarão o seu jogo.

1.ª Variante. — Se O joga ouros, N entra de Rei de ouros, joga em seguida Az de ouros e Az de espadas e depois o 2 de paus.

S balda-se a espadas e toma a mão em paus e repete paus.

Se O se balda ao Rei de espadas, S faz o 10 de espadas, baldando se N ao 3 de ouros. S joga o 3 de copas e faz N todas as vasas.

Se O se balda a copas, N balda-se ao 3 de ouros. S joga o 3 de copas e N faz todas as vasas.

2.ª Variante. — Se O joga copas, N joga a Dama de copas e, a seguir, Az de copas e Rei de copas, baldando-se S a 2 de copas e 8 de paus.

N joga Az de espadas e E vê se forçado a baldar-se a uma carta de ouros ou de paus, o que é indiferente para o jogo.

N joga o 2 de paus. S faz a Dama de paus e repete jogando o Az de paus, regula a balda de N pela balda de O e, consoante as baldas, joga o 10 de espadas ou o 2 de ouros fazendo todas as vasas.

Na hipótese de O à segunda vasa, sair por espadas, o jogo entra facilmente numa das duas variantes.

A maior máquina eléctrica do mundo

O Instituto tecnológico do Estado de Massachusetts (Estados Unidos) possui a máquina eléctrica maior do mundo.

As faíscas emitidas por esse formidável aparelho têm uma tensão de 10 milhões de volts. Os físicos americanos esperam, com a ajuda destas tensões, chegar a realizar a destruição do átomo.

SAGRES

**COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA**

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES: 2 4171 - 2 4172 - P. X. B.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000\$00

**Seguros de vida em todas
as modalidades**

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES



Aspecto do edificio na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

Estoril-Termas

**ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL**



**Banhos de agua termal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 72

A' venda o 3.º milhar da

ALEMANHA ENSANGÜENTADA

POR AQUILINO RIBEIRO

1 volume de 312 páginas, com capa ilustrada do pintor *Roberto*,
brochado **12\$00**

Um livro destinado a um grande successo, pois ao nome
glorioso do brilhante escritor português, se alia o tema,
sempre interessante da Grande Guerra. — A vida alemã.
— Berlim. — Da guerra para a paz, soberbamente des-
crita por AQUILINO RIBEIRO

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

*AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE*

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposi-
ções a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE
HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária
e na Exposição de Imprensa

**TRABALHOS TIPOGRAFICOS EM TODOS
OS GENEROS simples e de luxo**

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

À VENDA O 5.º MILHAR
JÚLIO DANTAS
AS INIMIGAS DO HOMEM

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS — Pan e as mulheres — As inimigas do homem — Terceiro sexo — Jus sufragil — A mulher diplomata — As ideias de Madame Agata — A mulher soldado — Delegadas a Gênebra — As calças de Eva — O eleitorado das avós — A mulher jornalista — O problema do amor — Núpcias em avião — Os pais-amas — O exemplo da China — Gentlemen prefere blondes — As revolucionárias do golf — Jurisconsultos de saias — Eva standardizada — As sinistradas da beleza — É preciso ser bela para ser feliz? Mademoiselle Zuca — A idade dos joelhos — Nudistas : : — A dama do pijama verde — As amigas do homem : :

1 volume de 312 páginas, brochado **12\$00** — encadernado **17\$00**
 Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ANTOLOGIA PORTUGUESA
 ORGANIZADA PELO
Dr. Agostinho de Campos
 Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados:
 Afonso Lopes Vieira, um volume. — Alexandre Herculano, um volume. — Antero de Figueiredo, um volume. — Augusto Gil, um volume. — Camões lírico, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º volumes. — Eça de Queirós, dois volumes. — Fernão Lopes, três volumes. — Frei Luís de Sousa, um volume. — Guerra Junqueiro, verso e prosa, um volume. — João de Barros, um volume. — Lucena, dois volumes. — Manuel Bernardes, dois volumes. — Paladinos da linguagem, três volumes. — Trancoso, um volume.

Em preparação: Camões lírico, 5.º volume.
 Cada volume brochado. **12\$00**
 Cada volume encadernado. **17\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

SAMUEL MAIA
 Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES
O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
 criar e tratar se adoecer

1 vol de 326 págs., ilustrado, encad., **17\$00**; broc., **12\$00**
 Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**, 73, R. Garrett, 75-LISBOA

DOCES E
COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
 POR
ISALITA

1 volume encader. com
 351 páginas. **25\$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé
 A arte de cuidar
 do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo
 volume ilustrado
6\$00

Deposítária:
LIVRARIA BERTRAND
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

As edições da **LIVRARIA BERTRAND**, encontram-se à venda na **Minerva Central** — Rua Consiglieri Pedroso Caixa postal 212 **LOURENÇO MARQUES**

ESTÁ À VENDA O
ALMANAQUE BERTRAND
 para **1936**
 37.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO
Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tódas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO
 Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL
 podendo entrar sem escrúpulo em tódas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS
 Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Encontra-se à venda em tódas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 407 gravuras, cartonado **10\$00**
 Encadernado luxuosamente **18\$00**
 Pelo correio à cobrança mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

LIVROS DE CONSULTA E INSTRUÇÃO

OBRAS DE RECONHECIDO VALOR

ELEMENTOS GERAIS

- Álgebra Elementar**, pelo prof. Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 296 pág.... 13\$00
- Aritmética Prática**, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 384 págs. 13\$00
- Desenho Linear Geométrico**, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 192 págs., com 292 grav. 12\$00
- Elementos de História da Arte**, pelo prof. João Ribeiro Cristino da Silva — 1 vol. de 709 págs., com 641 grav. 25\$00
- Elementos de Mecânica**, pelo prof. Eugénio Estanislau de Barros — 1 vol. de 230 págs., com 141 grav. 12\$00
- Elementos de Metalurgia**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 424 págs., com 121 grav. 20\$00
- Elementos de Modelação de ornato e figura**, pelo prof. Joseph Füller — 1 vol. de 150 págs., com 69 grav. e 30 est. ... 12\$00
- Elementos de Projecções**, por João António Piloto — 1 vol. de 405 págs., com 351 grav. 18\$00
- Elementos de Química**, pela Direcção da Biblioteca de Instrução Profissional — 1 vol. de 330 págs., com 73 grav. 15\$00
- Escrituração Comercial e Industrial**, pelo prof. Severiano Ivens Ferraz — 1 vol. de 188 págs. 12\$00
- Física Elementar**, pelo prof. Mário Valdez Bandeira — 1 vol. de 304 págs., com 241 grav. 15\$00
- Geometria Plana e no Espaço**, pelo prof. A. Cunha Rosa — 1 vol. de 290 págs., com 273 grav. 15\$00
- O Livro de Português**, pelo prof. António Baião — 1 vol. de 220 págs. 12\$00

MECÂNICA

- Desenho de Máquinas**, pelo prof. Tomaz Bordallo Pinheiro — 1 vol. de 336 págs., 283 fig. e 91 est. 30\$00
- Material Agrícola**, por H. Francem da Silveira — 1 vol. de 270 págs., com 208 gravuras 15\$00
- Nomenclatura de Caldeiras e Máquinas de Vapor**, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 280 págs., com 423 grav. 15\$00
- Problemas de Máquinas**, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 400 págs., com 170 grav. 18\$00

CONSTRUÇÃO CIVIL

- Acabamentos das Construções**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 volume de 356 págs., com 168 grav. 17\$00
- Alvenaria e Cantaria**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 288 págs., com 337 grav. 15\$00
- Cimento Armado**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 632 págs., com 351 grav. 25\$00
- Edificações**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 260 págs., com 191 gravuras 15\$00
- Encanamentos e Salubridade das habitações**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 300 págs., com 157 gravuras. 15\$00
- Materiais de Construção**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 564 págs., com 300 grav. 30\$00
- Terraplenagens e Alicerces**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 230 págs., com 230 grav. 15\$00
- Trabalhos de Carpintaria Civil**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 400 págs., com 448 grav. 20\$00
- Trabalhos de Serralharia Civil**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 360 págs., com 442 grav. 18\$00

CONSTRUÇÃO NAVAL

- Construção Naval**, IV volume (Construção de navios de ferro, pelos eng. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 148 págs., com 298 grav., formato 16 x 22 12\$00
- Construção Naval**, V vol. (Armamento e acessórios dos navios de ferro), pelos eng. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 130 págs., com 138 grav., formato 16 x 22 12\$00

MANUAIS DE OFÍCIOS

- Condutor de Automóveis**, pelo eng. António Augusto Mendonça Taveira — No prelo.
- Condutor de Máquinas**, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 396 págs., 284 figs. e 15 est. 25\$00
- Electricista (Novo Manual do)**, pelo eng. Hugo Pinto de Moraes Sarmiento — 1 vol. com 424 págs. e 246 grav. 25\$00
- Fabricante de Tecidos**, pelo eng. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 608 págs com 342 grav. 25\$00

- Ferreiro**, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 238 págs., com 115 grav. e 34 estampas 15\$00
- Fogoeiro**, pelos eng. António Mendes Barata e Raul Boaventura Real — 1 vol. de 384 págs., com 318 grav. 18\$00
- Formador e Estucador**, pelo prof. Joseph Füller — 1 vol. de 196 págs., com 66 gravuras. 12\$00
- Fotógrafo**, por Antero Dâmaso das Neves — 1 vol. de 204 págs., com 31 grav. 12\$00
- Fundidor**, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol. de 232 págs., com 146 grav. 15\$00
- Galvanoplastia**, por André Brochet, tradução de Manuel Véres — 1 vol. de 400 págs., com 148 grav. 18\$00
- Marceneiro**, por José Pedro dos Reis Colares — 1 vol. de 378 págs., com 299 grav. e 97 estampas. 20\$00
- Motores de Explosão**, pelo eng. António Mendes Barata — No prelo.
- Navegante**, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 308 págs. com 139 gravuras. 15\$00
- Pilotagem**, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 360 págs., com 119 gravuras. 17\$00
- Serralharia Mecânica**, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 412 págs., com 395 grav. 20\$00
- Topografia e Agrimensura**, pelo coronel Guedes Vaz e major Mousinho de Albuquerque — 1 vol. de 362 págs., com 238 grav. 18\$00
- Torneiro e Frezador Mecânicos**, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 307 págs., com 372 grav. 17\$00
- Vocabulário de Termos Técnicos**, pelo eng.-maquinista Raul Boaventura Real — 1 vol. de 558 págs. 30\$00

DESCRIÇÃO DE DIVERSAS INDÚSTRIAS

- Indústria Alimentar**, por Pedro Prostès — 1 vol. de 180 págs., com 76 grav. 14\$00
- Indústrias de Fermentação**, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol. de 180 págs., com 72 grav. 14\$00
- Indústria de Sabões e Sabonetes**, por António Rio de Janeiro — 1 vol. de 100 págs., com 26 grav. 10\$00
- Indústria do vidro**, pelo prof. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 232 págs., com 1111 grav. 15\$00

Todos estes livros são encadernados em percalina

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND - R. Garrett, 73-75 - LISBOA

OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editores, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1 — **Da terra à lua**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.
- 2 — **Á roda da lua**, trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.
- 3 — **A volta ao mundo em oitenta dias**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:
- 4 — 1.^a parte — *Os ingleses no Polo Norte* 1 vol.
5 — 2.^a parte — *O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6 — **Cinco semanas em balão**, trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.
- 7 — **Aventuras de três russos e três ingleses**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 8 — **Viagem ao centro da terra**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 9 — 1.^a parte — *América do Sul*. 1 vol.
10 — 2.^a parte — *Austrália Meridional*. 1 vol.
11 — 3.^a parte — *Oceano Pacífico*. 1 vol.
Vinte mil léguas submarinas:
- 12 — 1.^a parte — *O homem das águas*, trad. de Gaspar Borges de Avelar.
13 — 2.^a parte — *O fundo do mar*, trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.
A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:
- 14 — 1.^a parte — *Os naufragos do ar*. 1 vol.
15 — 2.^a parte — *O abandonado*. 1 vol.
16 — 3.^a parte — *O segredo da ilha*. 1 vol.
Miguel Strogoff, trad. de Pedro Vidoeira:
- 17 — 1.^a parte — *O correio do Czar*. 1 vol.
18 — 2.^a parte — *A invasão*. 1 vol.
O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:
- 19 — 1.^a parte — *O eclipse de 1860*. 1 vol.
20 — 2.^a parte — *A ilha errante*. 1 vol.
21 — **Uma cidade flutuante**, trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.
22 — **As Índias Negras**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:
- 23 — 1.^a parte — *O cataclismo cósmico*. 1 vol.
24 — 2.^a parte — *Os habitantes do cometa*. 1 vol.
25 — **O Doutor Ox**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:
- 26 — 1.^a parte — *A viagem fatal*. 1 vol.
27 — 2.^a parte — *Na África*. 1 vol.
- 28 — **A galera Chancellor**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 29 — **Os quinhentos milhões de Begun**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- 30 — **Atribulações de um chinês na China**, trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.
A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 31 — 1.^a parte — *A chama errante*. 1 vol.
32 — 2.^a parte — *A ressuscitada*. 1 vol.
A jangada, trad. de Pompeu Garrido:
- 33 — 1.^a parte — *O segredo terrível*. 1 vol.
34 — 2.^a parte — *A justificação*. 1 vol.
As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:
- 35 — 1.^a parte — *A descoberta da terra*. 1.^o vol.
36 — 1.^a parte — *A descoberta da terra*. 2.^o vol.
37 — 2.^a parte — *Os navegadores do século XVIII*. 1.^o vol.
38 — 2.^a parte — *Os navegadores do século XVIII*. 2.^o vol.
39 — 3.^a parte — *Os exploradores do século XIX*. 1.^o vol.
40 — 3.^a parte — *Os exploradores do século XIX*. 2.^o vol.
- 41 — **A escola dos Robinsons**, trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.
- 42 — **O raio verde**, trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.
Kériban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:
- 43 — 1.^a parte — *De Constantinopla a Scutari*.
44 — 2.^a parte — *O regresso*. 1 vol.
- 45 — **A estrela do sul**, trad. de Almeida de Eça. 1 vol.
- 46 — **Os piratas do arquipélago**, trad. de João Maria Jales. 1 vol.
Matias Sandorff:
- 47 — 1.^a parte — *O ponho correio*. 1 vol.
48 — 2.^a parte — *Cabo Matifoux*. 1 vol.
49 — 3.^a parte — *O passado e o presente*. 1 vol.
- 50 — **O naufrago do «Cynthia»**, trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.
- 51 — **O bilhete de loteria n.º 9.672**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- 52 — **Robur, o Conquistador**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:
- 53 — 1.^a parte — *O ódio do Texar*. 1 vol.
54 — 2.^a parte — *Justiça*. 1 vol.
- 55 — **O caminho da França**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:
- 56 — 1.^a parte — *A escuna perdida*. 1 vol.
57 — 2.^a parte — *A colónia infantil*. 1 vol.
Família sem nome, trad. de Lino de Assunção:
- 58 — 1.^a parte — *Os filhos do traidor*. 1 vol.
59 — 2.^a parte — *O padre Joan*. 1 vol.
- 60 — **Fora dos eixos**, trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.
- César Cascabel**:
- 61 — 1.^a parte — *A despedida do novo continente*, trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.
62 — 2.^a parte — *A chegada ao velho mundo*, trad. de Lino de Assunção. 1 vol.
A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:
- 63 — 1.^a parte — *A procura dos naufragos*. 1 vol.
64 — 2.^a parte — *Deus dispõe*. 1 vol.
- 65 — **O castelo dos Carpathos**, trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.
- 66 — **Em frente da bandeira**, trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.
A ilha do Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:
- 67 — 1.^a parte — *A cidade dos bilhões*. 1 vol.
68 — 2.^a parte — *Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69 — **Clovis Dardentor**, trad. de Higinio de Mendonça. 1 vol.
A esfinge dos gélos, trad. de Napoleão Toscano:
- 70 — 1.^a parte — *Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
71 — 2.^a parte — *Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72 — **A carteira do repórter**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo:
- 73 — 1.^a parte — *O filho do coronel*. 1 vol.
74 — 2.^a parte — *O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75 — **Um drama na Livónia**, trad. de Fernando Correia. 1 vol.
- 76 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.^o vol.
77 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.^o vol.
- 78 — **A invasão do mar**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 79 — **O farol do cabo do mundo**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA
HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra, incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, **como no interior**, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica**, nele se encontrarão todos os conselhos, todas as indicações para se providenciar com segurança.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFÍCIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDÁVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado,
encadernado em percalina, **Esc. 35\$00**

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

Indispensável a toda a gente

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quanto sobre todos os ramos profissionais e artísticos a quem compulsem, podendo afirmar-se nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade
— Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica
— Géneros alimentícios — Lavagens — Colas —
Vernizes — Higiene — Conservas — Animais do-
mésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação
— Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas
e cimentos — Socorros de urgência — Lavoros e
passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Te-
cidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . . Esc. 30\$00

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA